

O PROLETÁRIO

Nº 73
ABRIL/MAIO 2008

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

O Partido Operário Marxista

01-04

Manifesto da IV Internacional 1940

05- 33

Revisão do Plano Diretor e os movimentos de moradia.

34

Últimos Boletins dos estudantes em luta da FSA

35-36

**Venham para os grupos de estudo de Marxismo
Se inscrevam com os distribuidores de o Proletário**

Contatos:

Jornal *O Proletário*

Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

O Partido Operário Marxista

Porque é a construção do Partido Revolucionário a ferramenta principal da luta revolucionária; assim como foi ontem e é, ainda mais, hoje!

Muito se tem denegrido esta ferramenta insubstituível na luta pelo

comunismo. As deformações são tantas que acabam mesmo reforçando a tese da não necessidade do Partido e ainda mais: que sua existência passa a ser um estorvo e obstáculo da luta revolucionária.

Algumas distorções em se tratando da luta partidária dos agrupamentos que se reivindicam do marxismo:

O Stalinismo acabou por transformar o Partido Bolchevique em um centro dirigente do Estado em substituição aos Sovietes, que passaram a ser um fantoche de parlamento. As divergências internas eram tratadas com o braço armado e repressor deste Estado, nada de tão estranho, vez que: a burocracia acabou por cumprir um papel de classe proprietária até a volta desta, com toda sua plenitude, harmonizando de vez a democracia formal e a propriedade privada dos meios de produção.

A democracia formal em seu seio já bem conspirava, não contra a propriedade privada, mas sim contra as bases da revolução de outubro.

Devido a esta manifestação nefasta ao marxismo, muitos agrupamentos que se reivindicam de revolucionários acabam por negar o partido, caindo em um culturalismo próximo do anarquismo.

Temos também uma variedade de deformação de partido bolchevique aos moldes da cultura stalinista nesta questão. Verdadeiros proprietários se passam por revolucionários profissionais e, à custa das contribuições dos militantes, vivem do partido estudando e dando ordens à militância. Geralmente as divergências são tratadas como caso de polícia, difamação e etc. É o stalinismo presente, é a pequena burguesia se apropriando do legado do Socialismo e direcionando para a propriedade privada dos meios de produção.

A IV Internacional não ficou livre da burocratização.

Como resultado político do entrismo nos PCs stalinistas Michel Pablo acabou por dar uma grande contribuição à burguesia mundial, infestando a construção da IV Internacional com as frentes populares, na defesa do stalinismo

diante do imperialismo e da democracia (Ocidente) versus o fascismo. Que a III Internacional acabaria por voltar aos trilhos sem uma revolução política na União Soviética. Que bastaria o acirramento da luta de classes entre capitalismo e socialismo, representado pela União Soviética e o imperialismo. Com a burocratização e a democracia formal como fundamentos da construção partidária revolucionária internacional, o resultado não poderia ser outro, ou seja, uma total degenerescência desta incipiente organização que enfrentava uma monstruosa contradição em combater os atuais dirigentes da única revolução proletária vitoriosa do planeta.

Com o Morenismo se deu uma variante em que mesclou o centralismo burocrático stalinista e pequeno burguês com um clube de amigos, que por amor à causa do socialismo acabam por centralizar em relações familiares e “amizade”. A rotulação de ultra-esquerda, sectários acaba por esconder o verdadeiro conteúdo desta corrente política que, com a justificativa da atualização do Programa de Transição, Moreno acabou por adaptá-lo à política de frente popular e ao programa mínimo da social democracia, dando uma pitada revolucionária para a militância no movimentismo que as vezes resultam em um sindicalismo no máximo combativo e por ver revoluções socialistas em processos espontâneos, mesmo tendo ausente uma direção revolucionária.

Temos também, em se tratando da estruturação do Partido Marxista, a defesa do partido como insurrecional próximo das guerrilhas. Em que o Partido formula as teses mestres não em um planejamento/programa da conquista das organizações dos oprimidos e sim,

como uma espécie de ordem moral para uma pseudo-vanguarda executar. Não existe inter-relação dialética entre a teoria/partido, programa, prática e a vanguarda. Na verdade estas correntes acabam por representar uma variante da pequena burguesia radical e o rompimento com o materialismo histórico e dialético.

Estas últimas variantes acabam por empreitar a resolução da principal tese do Programa de Transição, de que a crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária mecanicamente. O desespero pequeno burguês assume a base material e a inter-relação com a classe instintivamente revolucionária se torna casualidade e obra para as imposições e resoluções mecânicas de formas de tomada de poder.

Na essência, a existência de um partido político se resume em uma organização centralizada com vistas à defesa de um objetivo estratégico pré-estabelecido, produzir, re-produzir e tentar homogeneizar os conteúdos ao grupo partidário, sua expansão e torna-lo dominante.

A burguesia possui uma infinidade de partidos, representa mesmo a diversidade dos diversos grupos econômicos que disputam a exploração do proletariado e como forma mesmo de reprodução ideológica da classe dominante.

O método ou a forma de funcionamento também está determinado pela estratégia perseguida. No caso dos partidos burgueses, com o modo de produção regido pela propriedade privada, não poderia ser outro senão a democracia formal. Por que democracia formal? Justamente, porque se trata de uma permanente luta entre os proprietários e pela exploração de classe. A centralização se faz entrelaçando o poder dos monopólios, das corporações e do Estado. Na Democracia, dizem eles, “*somos todos iguais*”, “*todos têm os mesmos diretos*”, afinal cada um vale um voto. Para a burguesia o poder econômico não faz diferença, nas relações de democracia; “*somos livres*” e quando da ditadura (chegam a fundamentar mesmo os golpes militares e sustentar a idéia de governos militares em nome da democracia), “*dos interesses de todos*” (dos burgueses é claro).

Não temos só os partidos burgueses, mas também os pequeno-burgueses e mesmo os “revolucionários” que, na maioria das vezes, são pequeno-burgueses. Como então diferenciamos esta gama de partidos?

A diferença se faz pelo **programa!** Mas não é só isso.

A defesa do modo de produção regido pela propriedade privada e a democracia são um divisor que delimita a essência dos interesses partidários. Na democracia (democracia formal, burguesa) está intrínseca a luta dos proprietários privados, inclusive os proprietários do conhecimento (no caso da pequena burguesia). Os objetivos estratégicos devem sempre corresponder ao método, a tática e a produção da vida que no caso – o partido – comparece também como base material. Este último aspecto determina os objetivos estratégicos dos chamados “Partidos Revolucionários”. Expliquemos de outra maneira:

Mesmo em um “Partido Revolucionário”, mesmo constando no programa deste Partido a Ditadura do Proletariado como Transição para o Comunismo, não são garantia de nada se o método, a democracia interna, o *produzir* a vida (as idéias ou programa) são empreendidos nos marcos da democracia formal e suas variantes. Temos assim, como verdadeiro objetivo estratégico a propriedade privada dos meios de produção, apesar dos componentes do partido e o programa apontarem para o Socialismo e mesmo ao Comunismo.

Faz parte da democracia formal a divisão do trabalho, o domínio de uns sobre os outros como forma de ascensão, e nisto comparece o germe e o desenvolver dos meios de produção privados.

Podemos aspirar ao comunismo na produção da vida nos marcos da propriedade privada?

Marx e Engels nos ensinam que não!

E neste *descobrir*, estes dois pensadores do Movimento Operário Internacional acabaram por selar uma amizade e uma vida em função do *produzir* a vida como essência do produzir e reproduzir o ideário em geral.

Estes dois revolucionários em relação à luta partidária, na classe organizada como classe, não desenvolveram teorias além das citações contidas no Manifesto:

Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário.

O objetivo dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe e, a derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.

As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em idéias ou princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo.

São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos.

A Lênin coube uma teorização mais aprofundada desta teoria. Como acentuaram Marx e Engels no Manifesto, não se trata de capricho ou interesse particular e sim de uma teorização científica da questão.

A estruturação do Partido Bolchevique ou comunista e as inter-relações dialéticas com a estruturação da sociedade capitalista.

As formas de organização a materializar um produzir da vida, de forma coletiva e comunista, capaz de agir como base material coletiva de meios de produção, no sentido da teorização de uma superestrutura direcionada à uma futura sociedade comunista são indispensáveis à estruturação partidária, se é que desejamos falar de marxismo. Assim, torna-se possível nos marcos capitalistas, com uma base material (da sociedade capitalista) sob o domínio da propriedade privada dos meios de produção, o produzir de ideário comunista, conspirativo e concorrente aos ideários burgueses. Consequentemente, esta organização sob as bases comunistas acaba por materializar na luta de classe a luta pela expropriação e a socialização dos meios privados de produção.

Na teorização leninista de partido, alguns conceitos foram desenvolvidos em função da estruturação da sociedade capitalista e do objetivo estratégico perseguido:

- A Ditadura do Proletariado, o Socialismo como transição ao Comunismo.
- O Internacionalismo proletário e o papel da vanguarda proletária internacional;
- O método da luta direta e a democracia operária;
- O Partido centralizado, o centralismo democrático;
- A estruturação celular do partido.

O caráter centralizado, repressivo e ditatorial do capitalismo condicionou a necessidade da centralização e do caráter conspirativo do partido operário. O centralismo democrático se colocou na forma material das Assembléias de base, que correspondem no partido como o Congresso,

como síntese da democracia operária. Romper com esta forma de organização fatalmente levará à democracia formal e também, como consequência, à defesa do regime da propriedade privada.

Podemos afirmar que o rompimento com o internacionalismo, com o método da luta direta, com a democracia operária e com a tática que corresponda aos objetivos estratégicos (ditadura do proletariado), levará a uma situação da perda da independência de classe e, por sua vez, o distanciamento do caminho da revolução proletária e, assim, do comunismo.

O porquê da democracia operária e da luta direta?

Exatamente por ser este o método de luta e a forma de se relacionar da classe operária (os proletários modernos) que, em Marx, comparecem como classe instintivamente comunista e como os próprios coveiros da sociedade capitalista.

Para dar unidade, entrelaçamento, vida orgânica ao centralismo e a democracia comparece a estruturação partidária celular.

O Partido começa e se encerra nas células!

No seio das células se materializa o centralismo democrático, a produção do conhecimento, sob método do materialismo histórico e dialético, com o conhecimento da realidade, o prognóstico, a construção programática, a reprodução celular, a transformação do programa em ação e a volta deste, engrandecido, para o aperfeiçoamento permanente do programa e, por sua vez, do conhecimento.

Lênin também formulou uma ferramenta teórica/prática capaz de funcionar como meio de produção coletiva e base material comunista, capaz de comparecer como

formulador e elaborador teórico do ponto de vista do comunismo: um organizador coletivo, agitador e programa entre as massas e a vanguarda. Desta forma, Lênin apontou o que fazer e por onde começar – formulando o papel que cumpre o Jornal no partido revolucionário.

Uma rede de contatos, e mesmo de vários níveis de militância, deve ser buscada com a perspectiva da incorporação e do desvendar da divisão do trabalho, intrínseca ao modo de produção capitalista e enraizada entre os operários e oprimidos em geral.

O Jornal deve se transformar em uma ferramenta da elaboração coletiva. Para estudar, teorizar a prática comunista como programa e sua elaboração. Refletindo uma base material comunista e um *produzir* a vida que seja capaz de educar a vanguarda que

compõem o partido na eliminação dos germes da divisão do trabalho e, com isto, romper com os princípios engendrados da propriedade privada dos meios de produção. Um partido que seja uma organização comunista dentro do capitalismo (uma superestrutura), capaz de conspirar e de impulsionar a luta de classes e sua materialização do ponto de vista da necessidade da expropriação dos expropriadores.

O internacionalismo proletário para o partido comunista se torna a razão de ser do próprio partido. Não há elaboração coletiva do ponto de vista comunista nos marcos de um só país.

A economia é mundial, a luta de classes é mundial, o grande capital domina os rincões mais longínquos e determinam, à imagem e semelhança deste os rumos do planeta. A vanguarda do proletariado só se constitui nos marcos do internacionalismo proletário, da análise do conjunto da economia, dos fatores gerais que advêm desta economia globalizada e da luta de classes mundial.

Toda esta luta será letra morta sem um plano e disciplinamento financeiro à altura dos objetivos estratégicos perseguidos.

A militância e a classe deve ser educada da necessidade do auto financiamento da ferramenta indispensável para a ação entre as massas no sentido da consumação da ditadura do proletariado (as massas em armas, produzindo e repartindo igualmente) como transição ao comunismo mundial.

Vale dizer que os problemas e desvios partidários acabaram por infestar inclusive a IV Internacional e suas centenas de pequenos grupos. Desenvolveremos este ponto em uma resolução posterior.

O X Congresso da Organização pela construção do Partido Operário Marxista (POM) saúda os participantes do III Congresso da FLT e adere, desde já, à convocação da Conferência Internacional dos trotskistas principistas e às organizações operárias revolucionárias.

São Paulo, 17 de fevereiro de 2008.

Manifesto da Quarta Internacional sobre a guerra imperialista e a revolução proletária mundial

Maio de 1940^{1[1]}

A Conferência de Emergência da Quarta Internacional, o partido mundial da revolução socialista, reúne-se no momento em que se inicia a segunda guerra imperialista. Já ficou para trás a etapa de tentativas de aberturas, de preparativos, de relativa inatividade militar. A Alemanha desatou as fúrias do inferno numa ofensiva geral à qual os aliados respondem igualmente com todas as forças destrutivas de que dispõem. Doravante e por muito tempo o curso da guerra imperialista e suas conseqüências econômicas e políticas determinarão a situação da Europa e a de toda a humanidade.

A Quarta Internacional considera que este é o momento de dizer aberta e claramente como vê esta guerra e a seus protagonistas, como caracteriza a política com respeito à guerra das diferentes organizações trabalhistas e, o mais importante, qual é o caminho para conseguir a paz, a liberdade e a abundância.

A Quarta Internacional não se dirige aos governos que arrastaram os povos para a matança, nem aos políticos burgueses responsáveis destes governos, nem à burocracia sindical que apóia a burguesia belicista. A Quarta Internacional se dirige aos trabalhadores e às trabalhadoras, aos soldados e os marinheiros, aos camponeses arruinados e aos povos coloniais escravizados. A Quarta Internacional não tem nenhum entrelaçamento com os

opressores, os exploradores, os imperialistas. É o partido do mundial dos trabalhadores, os oprimidos e os explorados. Este manifesto está dirigido a eles.

As causas gerais da guerra atual

A tecnologia é hoje infinitamente mais poderosa do que em fins da guerra de 1914 a 1918 (primeira grande guerra), enquanto a humanidade é bem mais pobre. Caiu o nível de vida num país após o outro. Nos umbrais da guerra atual a situação da agricultura era pior que quando estourou a guerra anterior. Os países agrícolas estão arruinados. Nos países industrializados as classes médias caem na ruína econômica e se formou uma subclasse permanente de desempregados, os modernos párias. O mercado interno estreitou seus limites. Reduziu-se a exportação de capitais. O imperialismo realmente destroçou o mercado mundial, dividindo-o em setores dominados individualmente por países poderosos. Apesar do considerável aumento da população do planeta, o intercâmbio comercial de cento nove países do mundo decaiu quase uma quarta parte durante a década anterior à guerra atual. Em alguns países o comércio exterior se reduziu à metade, à terça ou à quarta parte.

Os países coloniais sofrem suas próprias crises internas e as dos centros metropolitanos. Nações atrasadas que ontem ainda eram semi-livres hoje estão escravizadas (Abissínia, Albânia, Chinesa...)^{2[2]}. Todos os países imperialistas necessitam possuir fontes de matérias primas, sobretudo depois da guerra, isto é, para uma nova luta pelas matérias primas. A fim de enriquecer-se

^{1[1]} "Manifesto da Quarta Internacional sobre a guerra imperialista e a revolução proletária mundial". Socialist Appeal, 19 de junho de 1940. O manifesto foi adotado pela Conferência de Emergência da Quarta Internacional, celebrada de 19 a 26 de maio de 1940, em Nova York.

^{2[2]} Abissínia (Etiópia) e Albânia tinham sido ocupadas pela Itália em 1935 e 1939 respectivamente, e a China foi invadida pelo Japão, primeiro em 1931 e novamente em 1937.

^{2[2]} Abissínia (Etiópia) e Albânia tinham sido ocupadas pela Itália em 1935 e 1939 respectivamente, e China, que foi invadida pelo Japão, primeiro em 1931 e novamente em 1937.

posteriormente, os capitalistas estão destruindo e assolando o produto do trabalho de séculos inteiros.

O mundo capitalista decadente está superpovoado. A admissão de cem refugiados extras constitui um problema grave para uma potência mundial como os Estados Unidos. Na era da aviação, o telefone, o telégrafo, o rádio e a televisão, os passaportes e as visas paralisar o transporte de um país a outro. A época da decadência do comércio exterior e interior é ao mesmo tempo a da intensificação monstruosa do chauvinismo, especialmente do anti-semitismo. O capitalismo, quando surgiu, tirou povo judeu do gueto e o utilizou como instrumento de sua expansão comercial. Hoje a sociedade capitalista em decadência trata de expulsar por todos seus poros o povo judeu; entre dois bilhões de pessoas que habitam o planeta, dezessete milhões, isto é, menos de 1%, já não podem encontrar um lugar onde viver! Entre as vastas extensões de terras e as maravilhas da tecnologia, que além da terra conquistou os céus para o homem, a burguesia conseguiu converter nosso planeta numa suja prisão.

Lenin e o imperialismo

O 1º de novembro de 1914, a começar da última guerra imperialista, Lenin escreveu: "O imperialismo arrisca o destino da cultura européia. Depois desta guerra, se não triunfam algumas revoluções, virão outras guerras; o conto de fadas de 'uma guerra que acabará com todas as guerras' nada mais é do que isso, um esvaziamento e pernicioso conto de fadas..." Operários, lembrem-se esta previsão! A guerra atual, a segunda guerra imperialista, não é um acidente; não é a consequência da vontade deste ou daquele ou daquele ditador. Há muito que se previu. É o resultado inexorável das contradições dos interesses capitalistas internacionais. Ao invés do que afirmam as fábulas oficiais para enganar o povo, a causa principal da guerra, como de todos

os outros males sociais (o desemprego, o alto custo de vida, o fascismo, a opressão colonial), é a propriedade privada dos meios de produção e o estado burguês que se apóia neste fundamento.

O nível atual da tecnologia e da capacidade dos operários permite criar condições adequadas para o desenvolvimento material e espiritual de toda a humanidade. Só seria necessário organizar correta, científica e racionalmente a economia de cada país e de todo o planeta, seguindo um plano geral. No entanto, enquanto as principais forças produtivas da sociedade estejam em mãos dos *trusts*, isto é, de camarilhas capitalistas isoladas; enquanto o estado nacional continuar sendo uma ferramenta manejada por estas camarilhas, a luta pelos mercados, as fontes de matérias-primas, a dominação do mundo assumirá inevitavelmente um caráter cada vez mais destrutivo. Somente a classe operária revolucionária pode arrancar das mãos destas rapaces camarilhas imperialistas o poder do estado e o domínio da economia. Esse é o sentido da advertência de Lênin de que "se não triunfam algumas revoluções", inevitavelmente estourará uma nova guerra imperialista. Os diferentes prognósticos e promessas que se fizeram então foram submetidos à prova dos fatos. Comprovou-se que era uma mentira o conto de fadas d'"a guerra para acabar com todas as guerras". A previsão de Lênin se converteu numa trágica verdade.

As causas imediatas da guerra

A causa imediata da guerra atual é a rivalidade entre os velhos impérios coloniais ricos, Grã-Bretanha e França, e os dois ladrões imperialistas que chegaram atrasados, Alemanha e Itália.

O século XIX foi a era da hegemonia indiscutida da potência imperialista mais antiga, Grã-Bretanha. Entre 1815 e 1914 reinou, ainda que não sem explosões militares isoladas, a "paz britânica". A

frota britânica, a mais poderosa do mundo, desempenhou o papel de polícia dos mares. Esta era, no entanto, é coisa do passado. Já em fins do século passado, a Alemanha, armada com uma moderna tecnologia, começou a avançar para o primeiro lugar na Europa. Além do oceano surgiu um país ainda mais poderoso, uma antiga colônia britânica. A contradição econômica mais importante que levou à guerra de 1914-1918 foi a rivalidade entre Grã-Bretanha e Alemanha. Quanto aos Estados Unidos, sua participação na guerra foi preventiva; não se podia permitir que Alemanha submetesse o continente europeu. A derrota levou a Alemanha à impotência total. Desmembrada, rodeada de inimigos, em bancarota pelas indenizações, debilitada pelas convulsões da guerra civil, parecia ter ficado fora de circulação por muito tempo, senão para sempre. No continente europeu o primeiro violino voltou temporariamente às mãos da França. O balanço da vitoriosa Inglaterra depois da guerra resultou, em última instância, deficitário: independência crescente dos domínios, movimentos coloniais em favor da libertação (movimentos de libertação nacional), perda da hegemonia naval, diminuição da importância de sua armada pelo grande desenvolvimento da aviação.

Por inércia, Inglaterra ainda tentou jogar um papel dirigente na cena mundial durante os primeiros anos que se seguiram à vitória. Seus conflitos com os Estados Unidos começaram a voltar à cena, de forma obviamente ameaçadora. Parecia que a próxima guerra estouraria entre os dois aspirantes anglo-saxões à dominação do mundo. No entanto, a Inglaterra logo teve que se convencer de que sua força econômica era insuficiente para enfrentar aquele colossal país do outro lado do oceano. Seu acordo com os Estados Unidos sobre a igualdade naval significou sua renúncia formal à hegemonia naval, que na atualidade já se perdeu. Sua ida do livre comércio às tarifas aduaneiras foi a admissão franca da derrota da indústria

britânica no mercado mundial. Sua renúncia à política de "esplêndido isolamento" trouxe como consequência a introdução do serviço militar obrigatório. Assim se fizeram fumaça todas as sagradas tradições.

A França também se caracteriza, ainda que em menor escala, por uma inadequação similar entre seu poderio econômico e sua posição no mundo. Sua hegemonia na Europa se apoiava numa conjuntura circunstancial criada pela aniquilação da Alemanha e os termos artificiais do Tratado de Versalhes. Sua população e suas bases econômicas eram demasiado reduzidas para que se assentasse sobre elas sua economia. Quando se dissipou o encantamento da vitória saiu à luz a relação de forças real. França demonstrou ser bem mais débil do que acreditavam tanto seus amigos como seus inimigos. Ao procurar proteção se converteu, em essência, no último dos domínios conquistados pela Grã-Bretanha.

A regeneração da Alemanha em base a sua tecnologia de primeira ordem e sua capacidade organizativa era inevitável. Ocorreu antes do que se pensava, em grande parte graças ao apoio da Inglaterra a Alemanha na contramão da URSS, das pretensões excessivas da França e, mais indiretamente, dos Estados Unidos. Inglaterra, mais de uma vez, teve sucesso nessas manobras internacionais no passado, enquanto era a potência mais forte. Em sua senilidade demonstrou ser incapaz de dominar os espíritos que ela mesma evocou.

Armada com uma tecnologia mais moderna, mais flexível e de maior capacidade produtiva, a Alemanha começou outra vez a competir com a Inglaterra em mercados muito importantes, especialmente do sudeste da Europa e América Latina. No século XIX a concorrência entre os países capitalistas se desenvolvia num mercado mundial em expansão. Hoje, em mudança, o espaço econômico da luta se estreita de tal maneira que os imperialistas não têm outra

alternativa senão a de arrancar uns dos outros as fatias do mercado mundial.

A iniciativa de efetuar uma nova divisão do mundo provém agora, como em 1914, naturalmente, da Alemanha e do governo inglês, que foi tomado desprevenido, tentou primeiro comprar a possibilidade de quebrar à margem da guerra com concessões às expensas das demais (Áustria, Checoslováquia). Porém esta política podia durar pouco. A “*amizade*” com Grã-Bretanha foi para Hitler somente uma breve fase tática. Londres já a havia concedido mais do que o havia calculado conseguir. O acordo de Munich, com o qual Chamberlain esperava selar uma larga amizade com a Alemanha serviu pelo contrário para apressar a ruptura. Hitler já não podia conseguir nada mais em Londres; a expansão ulterior da Alemanha golpearia brutalmente a Grã-Bretanha. Assim foi como “*a nova era de paz*” proclamada por Chamberlain em outubro de 1938 conduziu em poucos meses a mais terrível de todas as guerras.

Os Estados Unidos

Enquanto Grã-Bretanha fazia todos os esforços possíveis, desde os primeiros meses da guerra, para apropriar-se das posições que a bloqueada Alemanha deixou livres no mercado mundial, Estados Unidos, quase automaticamente, desalojava a Grã-Bretanha. Dois terços de todo o ouro do mundo se concentravam nas arcas norte-americanas. O terço restante segue o mesmo caminho. O rol de banqueiro do mundo que jogou a Inglaterra já é coisa do passado. E em outros terrenos as coisas não andam muito melhor. Enquanto o exército e a marinha mercante da Grã-Bretanha estão sofrendo grandes perdas, os estaleiros norte-americanos constroem a um ritmo colossal os navios que garantirão o predomínio da frota norte americana sobre a britânica e a japonesa. Estados Unidos se prepara, evidentemente, para alcançar o *nível das duas potências* (um exército mais poderoso que as frotas

combinadas das potências que seguem). O novo programa para a frota aérea se propõe a garantir a superioridade dos Estados Unidos sobre o resto do mundo.

Sem embargo, a força industrial, financeira e militar dos Estados Unidos, potência mais avançada do mundo, não assegura em absoluto o florescimento da economia norte americana. Pelo contrário, converte especialmente maligna e convulsiva a crise que afeta seu sistema social. Não se pode fazer uso dos milhares de milhões em ouro, nem dos milhões de desocupados! Nas teses da Quarta Internacional, *a guerra e a Quarta Internacional*, publicadas há seis anos, se prognosticava:

“O capitalismo dos Estados Unidos se defronta com os mesmos problemas que em 1914 empurraram a Alemanha para a guerra. Está dividido o mundo? Há que redividi-lo. Para a Alemanha se tratava ‘organizar a Europa’. Os Estados Unidos tem que organizar o mundo. A história está enfrentando à humanidade com a erupção vulcânica do imperialismo norte-americano”

O *New Deal* e a “*política de boa vizinhança*”^{3[3]} foram as últimas tentativas de prostergar o estalo aliviando a crise social com concessões e acordos. Depois da bancarrota desta política, que tragou dezenas de milhares de milhões, ao imperialismo norte americano não sobrava outra coisa a fazer que recorrer ao método dos punhos-de-ferro. Com um ou outro pretexto e com qualquer consigna os Estados Unidos intervirão no tremendo choque para conservar seu domínio do mundo. A ordem e o momento da luta entre o capitalismo norte-americano e seus inimigos não se conhece, todavia; talvez nem sequer Whashington o saiba. A guerra com o Japão teria como objetivo conseguir mais “*espaço vital*” no Oceano Pacífico. A

^{3[3]} A *política do bom vizinho*, proclamada pelo presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt, propunha que os Estados Unidos não recorreriam mais às intervenções armadas em Latinoamérica e o Caribe senão que funcionaria como um “bom vizinho”.

guerra no Atlântico, ainda que de imediato se dirigia contra a Alemanha, seria para conseguir a herança da Grã-Bretanha.

A possível vitória da Alemanha sobre os aliados pendem sobre Washington como um pesar. Tendo o continente europeu e o recurso de suas coloniais como base, e com todas as fabricas de munições e estaleiros europeus à sua disposição, a Alemanha (especialmente estando aliada com o Japão no Oriente) constituiria um perigo mortal para o imperialismo norteamericano. As titânicas batalhas que se travam atualmente nos campos da Europa são, neste sentido, episódios preliminares da luta entre a Alemanha e a América do Norte. A França e a Inglaterra são somente posições fortificadas de que dispõe o imperialismo norte-americano do outro lado do Atlântico. Se as fronteiras da Inglaterra chegam até o Rin, como pleiteou um dos premiês britânicos, os imperialistas norte-americanos poderiam dizer muito bem que as fronteiras dos Estados Unidos chegam até Támesis. Em sua febril atividade de preparação da opinião pública para a guerra eminente, Washington não deixa de demonstrar uma nobre indignação pela sorte da Finlândia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica... Com a ocupação da Dinamarca surgiu inesperadamente a questão da Groelândia, que “*geológicamente*” formaria parte do hemisfério ocidental e, por feliz casualidade, contém depósitos de creolita, indispensáveis para a produção de alumínio. Tão pouco despreza Washington a escravizada China, a indefesa Filipinas, as órfãs Índias Holandesas e as rotas marítimas livres. Deste modo, a simpatia filantrópica pelas nações oprimidas e até as considerações geológicas estão arrastando os Estados Unidos para a guerra.

As forças armadas norte-americanas, entretanto, poderão intervir com êxito somente se contarem com França e as Ilhas Britânicas como sólidas bases de apoio. Se a França for ocupada e as tropas alemãs chegarem até o Támesis, a relação das

forças se voltaria drasticamente contra os Estados Unidos. Todas estas considerações obrigam Washington a acelerar o ritmo. Porém, ao mesmo tempo coloca-se-se o problema se tem ou não deixado passar o momento oportuno.

Contra a posição oficial da Casa Branca se levantam os ruidosos protestos do isolacionismo norte-americano, que constitui somente uma variante distinta do mesmo imperialismo. O setor capitalista cujos interesses estão ligados fundamentalmente ao continente americano, Austrália e o longínquo Oriente considera que, no caso da derrota dos aliados, os Estados Unidos obteriam automaticamente para si o monopólio da América Latina e também do Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Enquanto a China, as Índias holandesas e o Oriente em geral, toda a classe governante dos Estados Unidos está convencida de que, de todos os modos, a guerra com o Japão será inevitável num futuro próximo. Com o pretexto do isolacionismo e do pacifismo, um setor influente da burguesia prepara um programa para expansão continental da América do Norte e para a luta contra o Japão. De acordo com este plano, a guerra contra a Alemanha pela dominação do mundo unicamente fica diferida. Enquanto os pacifistas pequeno-burgueses do tipo Norman Thomas e sua irmandade são somente os corifeus de um dos planos imperialistas

Nossa luta contra a intervenção dos Estados Unidos na guerra não tem nada em comum com o isolacionismo e o pacifismo. Dizemos abertamente aos operários que o governo imperialista não pode deixar de arrastar este país para a guerra. As disputas internas da classe governante são somente ao redor do quando entrar na guerra e contra quem abrir fogo primeiro. Pretender manter os Estados Unidos na neutralidade por meio de artifícios periódicos e resoluções pacifistas é como tratar de fazer retroceder a maré com uma escova. A verdadeira luta contra a guerra implica na luta de classe

contra o imperialismo e a denúncia implacável do pacifismo pequeno-burguês. Somente a revolução poderá evitar que a burguesia norte-americana intervenha na segunda guerra imperialista ou comece a terceira. Qualquer outro método nada mais é do que charlatanismo ou estupidez, ou uma combinação de ambos.

A defesa da “pátria”

Faz quase cem anos, quando o estado nacional, todavia, constituía um fator relativamente progressivo, o *Manifesto Comunista* proclamou que os proletários não têm pátria. Seu único objetivo é a criação da pátria dos trabalhadores, que abarca o mundo inteiro. Até finais do século XIX o estado burguês, com seus exércitos e suas tarifas alfandegárias, se transformou no maior freio do desenvolvimento das forças produtivas, que exigem um campo de ação muito mais extenso. O socialista que hoje sai em defesa da “pátria” joga o mesmo rol reacionário da *Vendée*, que saíram em defesa do regime feudal, ou seja, de suas próprias correntes.^{4[4]}

Nos últimos anos, inclusive nos meses mais recentes, o mundo viu com assombro com que facilidade desaparece do mapa da Europa os estados: Áustria, Checoslováquia, Albânia, Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda e Bélgica... Nunca antes se transformou o mapa político com tanta rapidez, salvo na época das guerras napoleônicas. Nesta ocasião tratava-se de estados feudais que haviam sobrevivido e tinham que deixar passagem ao estado nacional burguês. Hoje se tratam de estados burgueses sobreviventes que devem deixar passagem à federação dos povos socialistas. A corrente, como sempre se rompe pelo elo mais fraco. A luta dos bandidos imperialistas deixa tão pouco espaço aos pequenos estados independentes,

^{4[4]} Vendée é uma província do sudoeste de França que foi bastião do sentimento contra-revolucionário durante a Revolução Francesa.

como a luta viciosa dos *trusts* os cartéis aos pequenos fabricantes e comerciantes independentes.

Devido sua posição estratégica, à Alemanha convém mais proveitoso atacar seus inimigos fundamentais através dos países pequenos e neutros. Grã-Bretanha e França, pelo contrário, se beneficiam mais cobrindo-se com a neutralidade dos estados pequenos e deixando que a Alemanha com seus ataques os arrastem ao campo dos aliados “democráticos”. O nó da questão não muda por esta diferença nos métodos estratégicos. Os pequenos satélites se fazem pó frente às trituradoras dos grandes países imperialistas. A “defesa” das pátrias maiores faz necessária a liquidação de dezenas de países pequenos e médios.

Porém o que interessa à burguesia dos grandes estados não é em absoluto a defesa da pátria, senão a dos mercados, as concessões estrangeiras as fontes de matérias-primas e as esferas de influência. A burguesia nunca defende a pátria pela pátria. Defende a propriedade privada os privilégios, os lucros. Quando estes sagrados valores se vêem ameaçados a burguesia imediatamente se volta ao derrotismo. Foi o que ocorreu com a burguesia russa, cujo os filhos, depois da Revolução de Outubro, lutaram e estão dispostos a lutar uma vez mais em todos os exércitos do mundo contra a sua própria e antiga pátria. Para salvar seu capital, a burguesia espanhola pediu ajuda a Mussolini e Hitler contra seu próprio povo. A burguesia norueguesa colaborou na invasão de Hitler a seu próprio país. Assim foi e assim sempre será.

O patriotismo oficial é uma máscara que encobre os interesses dos exploradores. Os operários com sua consciência de classe arrojam depreciativamente esta máscara. Não defendem a pátria burguesa senão os interesses dos trabalhadores e os oprimidos do seu país e do mundo inteiro. As teses da Quarta Internacional afirmam:

“Contra a consigna reacionária da ‘defesa nacional’ é necessário pleitear a consigna da destruição revolucionária do

estudo nacional. Faz-se necessário opor à loucura da Europa o programa dos Estados Unidos Socialistas da Europa como etapa prévia no caminho dos Estados Unidos Socialistas do Mundo”

A “luta pela democracia”

Não é menor o engano da consigna da guerra pela democracia contra o fascismo. Como seus operários houvessem ouvido que o governo britânico ajudou a subir ao poder Hitler e sua corja de verdugos! As democracias imperialistas são na realidade as maiores aristocracias da história. Inglaterra, França, Holanda e Bélgica se apóiam na escravização dos povos coloniais. A democracia dos Estados Unidos se apóia na apropriação das vastas riquezas de todo o continente. Estas “democracias” orientam todos os esforços a preservar sua posição privilegiada. Descarregam boa parte do peso da guerra sobre suas colônias. Obrigam os escravos a entregarem seu sangue e seu ouro para garantir a seus amos para seguirem sendo-o. As pequenas democracias capitalistas sem colônias são satélites dos grandes impérios, levando destes uma fatia dos lucros coloniais. As classes governantes destes estados estão dispostas a renunciar à democracia em qualquer momento para conservar seus privilégios.

No caso da minúscula Noruega, se revelou uma vez mais ante o mundo a mecânica interna da democracia decadente. A burguesia norueguesa apelou simultaneamente ao governo social democrata e à polícia, os juízes e os oficiais fascistas. Ao primeiro impacto sério foram varridos os dirigentes democráticos e a burocracia fascista, que imediatamente encontrou uma linguagem comum com Hitler, se aproveitou da situação. Com distintas variantes segundo país o já se havia levado a cabo o mesmo experimento na Itália, Alemanha, Áustria, Polônia, Tchécoslováquia e uma quantidade de países. Nos momentos de perigo a burguesia sempre pode livrar-se de travas

das travas democráticas a seu verdadeiro aparato de governo, instrumento direto do capital financeiro. Somente um cego conformado pode crer que os generais e almirantes britânicos e franceses estão empreendendo uma guerra contra o fascismo!

A guerra não deteve o processo de transformação das democracias em ditaduras reacionárias; pelo contrário, se está levando a sua conclusão diante de nossos próprios olhos.

Dentro de cada país e no plano mundial a guerra fortaleceu imediatamente aos grupos e instituições mais reacionários. Passam à frente os estados maiores em geral, esses focos de conspiração bonapartista, as feras malignas da polícia, os patriotas por dinheiro, as igrejas de todas as crenças. Todos, especialmente o presidente protestante Roosevelt, engordam a corte do Papa, o centro do obscurantismo e o ódio entre os homens. A decadência material e espiritual sempre traz emparelhada a opressão policial e uma demanda cada vez maior de ópio religioso.

Para lograr as vantagens que o regime totalitário proporciona, as democracias imperialistas encaram sua própria defesa com uma ofensiva redobrada contra a classe operária e a perseguição das organizações revolucionárias. Utilizam o perigo da guerra e agora a própria guerra em suma, primeiro e, antes de qualquer coisa, para afastar seus inimigos internos. A burguesia segue invariável e firmemente a regra de que “o inimigo fundamental está dentro do próprio país”.

Como sucede sempre, os mais débeis são os que mais sofrem. Nesta matança de povos os mais frágeis são os inumeráveis refugiados de todo os países, entre eles os exilados revolucionários. O patriotismo burguês se manifesta, antes de mais nada, na forma brutal com que se trata os estrangeiros indefesos. Antes que se construam campos de concentração para os prisioneiros da guerra todas as democracias já haviam construído campos de concentração para os revolucionários

exilados. Os governos de todo o mundo, especialmente da URSS, escreveram a página mais negra de nossa época pelas pelo tratamento que infligem aos refugiados, os exilados, os sem lar. Enviamos nossas mais fraternas saudações aos irmãos presos e perseguidos e lhes dizemos que não desanimem. Das prisões e dos campos de concentração capitalista sairão a maior parte dos líderes do mundo de amanhã!

As consignas de guerra dos nazistas

As consignas gerais de Hitler não são dignas de consideração. Já faz muito que se demonstrou que a luta pela “unificação nacional” é uma mentira, já que Hitler converte o estado nacional em um estado de muitas nações, pisoteando a liberdade e a unidade demais povos. A luta pelo espaço vital não é mais uma camuflagem da expansão imperialista, ou seja, da política de anexações e pilhagem. A justificativa racial desta expansão é uma mentira; o nacional socialismo cambia suas simpatias e antipatias raciais segundo suas considerações estratégicas. Um elemento algo mais estável da propaganda fascista é, talvez, o antisemitismo, a que Hitler conferiu formas zoológicas, colocando a nú a verdadeira linguagem da “raça” e “sangue”: o latido do cachorro e o gruído do porco. Por algo Engels chamava ao antisemitismo o “socialismo dos idiotas”! O único traço verdadeiro do fascismo é sua vontade de poder, sujeição e saque. O fascismo é a destilação quimicamente pura da cultura imperialista.

Os governos democráticos, que em seu momento saudaram em Hitler a uma cruzada contra o bolchevismo, agora fazem dele uma espécie de satã inesperadamente espaço das profundezas do inferno, que viola a santidade das fronteiras, dos tratados, dos regulamentos e das leis. Se não fosse por Hitler o mundo capitalista floresceria como um jardim. Que mentira miserável! Este epilético alemão com uma máquina de calcular no cérebro e um

poder ilimitado nas mãos não caiu do céu nem ascendeu dos infernos; não é mais que a personificação de todas as forças destrutivas do imperialismo. Gengis Kan e Tamerlane apareciam aos povos pastores mais débeis como os destruidores algozes de Deus, enquanto que na realidade não expressavam outra coisa que a necessidade de mais terras de pastoril, que teriam todas as tribos, para o qual saqueavam as áreas cultivadas. Do mesmo modo Hitler, ao comover até seus fundamentos às velhas potências coloniais, não faz mais que oferecer a expressão mais acabada da vontade imperialista de poder. Com Hitler, o capitalismo mundial, arrojado ao desespero por seu próprio impasse, começou a fundir em suas entranhas uma afiada faca.

Os carneiros da segunda guerra imperialista tentaram transformar a Hitler no bode expiatório de seus próprios pecados.

Todos os governantes atuais compareceram diante do tribunal massacre do proletariado. Hitler não fará mais que ocupar o primeiro posto entre todos os réus criminais.

A preponderância da Alemanha

Seja qual for o resultado da guerra, a preponderância da Alemanha já ficou claramente demonstrada. Indubitavelmente Hitler não possui nenhuma “nova arma secreta”. Porém a perfeição de todas as armas existentes e a combinação bem coordenada destas armas (sobre a base de uma indústria altamente racionalizada) confere ao militarismo alemão um peso enorme. A dinâmica militar está estreitamente ligada com os traços peculiares de todo o regime totalitário; vontade unificada, iniciativa concentrada, preparativos secretos, execução súbita. A paz de Versalhes, sem embargo, lhes rendeu um fraco favor aos aliados. Depois de quinze anos de desarme alemão, Hitler se viu obrigado a começar a construir do nada um exército, e graças a esse exército

está livre da rotina, da técnica e dos pretextos obsoletos tradicionais. O treinamento tático das tropas se inspira nas novas idéias que surgem da tecnologia mais moderna. Aparentemente, só os Estados Unidos podem superar a maquinaria mortífera dos alemães.

A debilidade da França e Grã-Bretanha não é uma surpresa. As teses da Quarta Internacional (1934) declaram: *“O colapso da Liga das Nações está indissoluvelmente ligado ao começo do colapso da hegemonia francesa no continente europeu”*. Este documento programático declara logo que “a Inglaterra dirigente tem cada vez menos êxito na concretização de seus desígnios”, que a burguesia britânica está “aterrorizada pela desintegração de seu império, pelo movimento revolucionário da Índia, pela instabilidade de suas posições na China”. Nisto reside à força da Quarta Internacional, em que seu programa é capaz de passar a prova dos grandes acontecimentos.

A indústria da Inglaterra e França, devido à influência segura de super lucros coloniais, ficou atrasado tanto tecnológica como organizativamente. Ademais, a chamada “defesa da democracia” dos grandes partidos socialistas criou às burguesias britânica e francesa uma situação política extremamente privilegiada. Os privilégios sempre atraem emparelhados o atraso e o estancamento. Se hoje a Alemanha faz gala de um predomínio tão colossal sobre a França e a Inglaterra, a responsabilidade fundamental cabe aos defensores social-patriotas, que evitaram que o proletariado arrancasse oportunamente da atrofia a Inglaterra e França realizando a revolução socialista.

“O programa da paz”

Na transformação da escravidão dos povos Hitler propõe implantar na Europa uma “paz alemã” que durará séculos. Milagre impossível! A “paz britânica” depois da vitória sobre Napoleão pode

durar um século – não um milênio – somente porque a Inglaterra era pioneira de uma nova tecnologia e de um sistema de produção progressivo. Apesar da potência de sua indústria, a atual Alemanha, com seus inimigos, é o caudilho de um sistema social condenado. O triunfo de Hitler na realidade não traria a paz senão o começo de uma nova série de choques sangrentos em escala mundial. Se derrota o império britânico, reduz a França ao nível de Bohemia e Moravia, se apóia no continente europeu e suas colônias, indubitavelmente, se transformará na primeira potência mundial. Junto com ela, Itália, quando muito, e não por largo tempo, controlará a bacia do Mediterrâneo. Porém ser a primeira potência não implica ser a única. Somente se entraria numa nova etapa da “luta pelo espaço vital”.

A “nova ordem” que o Japão se prepara para estabelecer, apoiando-se no triunfo alemão, tem como perspectiva a expansão do domínio japonês sob a maior parte do continente asiático. A União Soviética se veria aprisionada entre uma Europa germanizada e uma Ásia japonizada. As três Américas, igual a Austrália e nova Zelândia, cairiam em mão dos Estados Unidos. Se, ademais, tomarmos em consideração o império provincial italiano, o mundo ficaria circunstancialmente dividido em cinco “espaços vitais”. Porém o imperialismo, por natureza, abomina a divisão de poderes. Para ter as mãos livres contra a América, Hitler teria que ajustar contas com seus amigos de ontem, Stalin e Mussolini. Japão e Estados Unidos não ficariam observando desinteressadamente a nova luta. A terceira guerra imperialista não se entabularia entre estados nacionais, nem entre impérios o velho costume, senão entre continentes inteiros. O triunfo de Hitler na guerra atual não significaria, portanto, mil anos de “paz na Alemanha”, senão muitas décadas ou muitos séculos de caos sangrento.

Porém, um triunfo não traria conseqüências mais brilhantes. Uma França vitoriosa somente poderia

reestabelecer sua posição de grande potência desmembrando Alemanha, restaurando aos Habsburgos, balcanizando a Eupora. Grã-Bretanha somente poderia jogar novamente um rol dirigente nos assuntos europeus restabelecendo sua tática de mover-se com as contradições que opõem, por um lado, a Alemanha e França e, por outro, a Europa e América do Norte. Isto significa uma nova edição, dez vezes pior, da paz de Versalhes, com efeitos infinitamente mais prejudiciais sobre o debilitado organismo europeu. A isto há que deduzir que é improvável uma vitória aliada sem a assistência norte-americana, e desta vez os Estados Unidos exigiriam por sua ajuda um preço muito maior que na última guerra. A Europa envelhecida e exausta, o objetivo da filantropia de Herbert Hoover, se transformaria no devedor em bancarrota de seu salvador transoceânico.

Finalmente, se supomos a variante menos provável, a conclusão da paz pelos adversários exaustos de acordo á fórmula pacifista “nem vencedores, nem vencidos”, isso significa a restauração do caos internacional anterior a guerra, porém, nesta vez baseado em sangrentas ruínas, no esgotamento, na amargura. Em um breve lapso saíram à luz novamente, com explosiva violência, os velhos antagonismos e estalariam novas convulsões internacionais.

A promessa dos aliados de criar desta vez uma federação européia democrática é a mais grosseira de todas as mentiras pacifistas. O estado não é uma abstração senão um instrumento do capitalismo monopolista. Enquanto não se exproprie aos trustes e bancos em benefício do povo, a luta entre os estados é tão inevitável como a luta entre os mesmos trustes. A renúncia voluntária por parte do estado mais forte as vantagens que lhe proporciona a sua força é uma utopia tão ridícula como a divisão voluntária do capital entre os trustes. Enquanto se mantenha a propriedade capitalista, uma “federação” democrática não seria mais

que uma má repetição da Liga das Nações, com todos os seus vícios e sem nenhuma de suas antigas ilusões.

Em vão os senhores imperialista do destino tentam reviver um programa de salvação que ficou totalmente desacreditado pela experiência das últimas décadas. Em vão seus lacaios pequenoburgueses inventam falácias que faz muito ficaram convertidas em suas próprias caricaturas.

Defesa da URSS

A aliança de Stalin com Hitler, que levantou o telão sobre a guerra mundial, levou diretamente à escravidão do povo polaco. Foi uma consequência da debilidade da URSS e do pânico do Kremlin frente à Alemanha. O único responsável desta debilidade é o mesmo Kremlin, por sua política interna, que abriu um abismo entre a casta governante e o povo; por sua política exterior, que sacrificou os interesses da revolução mundial pelos da camarilha stalinista.

A conquista da Polônia oriental, prenda da aliança com Hitler e garantia contra Hitler, esteve acompanhada da nacionalização da propriedade semi-feudal e capitalista na Ucrânia ocidental e na Rússia Branca ocidental. Sem isto o Kremlin não podia ter incorporado à União Soviética o território ocupado. A revolução de Outubro, estrangulada e profanada, *deus* mostra estar viva, todavia.

Na Finlândia o Kremlin não tentou concretizar um véu social similar. A mobilização por todos os imperialistas da opinião pública mundial “na defesa da Finlândia”, a ameaça da intervenção direta da Inglaterra e França, a impaciência de Hitler que teria que apropriar-se da Dinamarca e Noruega antes que as tropas francesas e britânicas pisaram a terra escandinava; tudo isto obrigou o Kremlin a renunciar à sovietação da Finlândia e a limitar-se a conquista de posições estratégicas indispensáveis.

É indubitável que a invasão da Finlândia suscitou uma profunda perda na população soviética. Sem embargo, os trabalhadores avançados compreenderam que, pese os crimes da oligarquia do Kremlin, segue em pé a questão da existência da URSS. A derrota na guerra mundial não só significaria o derrocamento da burocracia totalitária senão a liquidação das novas formas de propriedade, o colapso do primeiro experimento da economia planificada, a transformação de todo o país em uma colônia, ou seja, a entrega ao imperialismo dos recursos naturais colossais que lhe dariam o fôlego até a terceira guerra mundial. Nem os povos da URSS, nem a classe operária de todo o mundo têm interesses nessa saída.

A resistência da Finlândia à URSS foi, pese todo o seu heroísmo, nada mais que um ato de defesa da independência natural similar a resistência que posteriormente Noruega opôs à Alemanha. O mesmo governo de Helsinki o compreendeu quando preferiu capitular ante a URSS antes de transformar a Finlândia em uma base militar da Inglaterra e França. Teremos que determinar nossa linha política fundamental de acordo com os fatores básicos, não aos de décima ordem. As teses da Quarta Internacional afirmam:

“A concepção da defesa nacional, especialmente quando coincide com a defesa da democracia, pode facilmente enganar aos trabalhadores dos países pequenos e neutros (Suíça, Bélgica parcialmente, os países escandinavos...) [...] Somente um burguês desesperadamente tonto de uma aldeia suíça esperava das mãos de Deus (como Robert Grimm) pode crer seriamente que a guerra mundial na que está metido se safa na defesa da independência da Suíça.”

Estas palavras adquirem hoje um significado especial. De nenhum modo são superiores ao social-patriota suíço Robert Grimm esses pequeno-burgueses pseudo-revolucionários que acreditam que se pode determinar a estratégia proletária a respeito da defesa da URSS com base nos episódios

táticos como a invasão da Finlândia pelo Exército Vermelho.

Extremamente eloqüente por sua unanimidade e sua fúria foi a campanha da burguesia sobre a guerra mundial soviético-finlandesa. A perfídia e a violência de que até então havia dado demonstrações o Kremlin nunca haviam despertado tal indignação na burguesia, pois toda a história da política mundial se escreve com perfídia e violência. O que despertou seu terror e indignação foi a perspectiva de que na Finlândia se produziu-se um câmbio social como o que provocou o Exército Vermelho na Polônia Oriental. Estava em jogo uma ameaça real a propriedade capitalista. A campanha anti-soviética, classista da cabeça aos pés, revelou uma vez mais que a URSS, em virtude dos fundamentos sociais impostos pela Revolução de Outubro, dos quais depende em última instância a existência da mesma burocracia, segue sendo um estado operário que aterroriza a burguesia de todo o mundo. Os acordos episódicos entre a burguesia e a URSS no desmentem o fato de que “tomando a escala da histórica, o antagonismo entre o imperialismo mundial e a União Soviética é infinitamente mais profundo que os antagonismos que separam entre si os países capitalistas”.

Muitos radicais pequeno-burgueses até ontem estavam de acordo em considerar a união Soviética um possível eixo de agrupamento das forças “democráticas” contra o fascismo. Agora descobrem subitamente, quando os seus países estão ameaçados por Hitler, que Moscou, que não acudiu em sua ajuda, segue uma política imperialista e que não há diferença entre a URSS e os países fascistas.

Mentiras! Responderá todo trabalhador com consciência de classe; há uma diferença. A burguesia compreende essa diferença social melhor e mais profundamente que os charlatões radicais. É certo que a nacionalização dos meios-de-produção em um país, e ainda mais se tratando de um país atrasado, não garante,

todavia, a construção do socialismo. Porém, pode avançar no requisito fundamental do socialismo, ou seja, o desenvolvimento planificado das forças produtivas. Não tomar em conta a nacionalização dos meios-de-produção em função de que por si mesma não assegura o bem-estar das massas é o mesmo que condenar a destruição em cimento de granito em função de que é impossível viver sem paredes e teto. O operário com consciência de classe sabe que é impossível conseguir êxito na luta pela emancipação completa sem a defesa das conquistas já obtidas, por modestas que estas sejam. Tanto mais obrigatória, portanto, é a defesa de uma conquista tão colossal como a economia planificada contra a restauração das relações capitalistas. Os que são capazes de defender as velhas posições não podem conquistar outras novas.

A Quarta Internacional somente pode defender a URSS com os métodos de luta revolucionário de classe. Ensinar aos operários a compreender completamente o caráter de classe do estado imperialista, colonial, operário – assim como suas contradições internas, permitindo que os operários extraíam as conclusões práticas corretas em cada situação determinada. Enquanto lidera uma luta incansável contra a oligarquia de Moscou, a Quarta Internacional rechaça decididamente qualquer política que ajude o imperialismo contra a URSS.

A defesa da URSS coincide, em princípio, com a preparação da revolução proletária mundial. Rechaçamos plenamente a teoria de socialismo em um só país, esse engendro cerebral do stalinismo ignorante e reacionário. Somente a revolução mundial poderá salvar a URSS para o socialismo. Porém, a revolução mundial implicará inevitavelmente o desaparecimento da oligarquia do Kremlin.

Pelo derrocamento revolucionário da camarilha bonapartista de Stalin

Depois de adular durante cinco anos as “democracias”, o Kremlin revelou um cínico desprestígio pelo proletariado mundial ao conduzir uma aliança com Hitler e ajudá-lo a estrangular ao povo polaco. Vangloriou-se de um vergonhoso chauvinismo na véspera da invasão da Finlândia e despojou uma incapacidade militar não menos vergonhosa na luta posterior. Fez ruidosas promessas de “emancipar” dos capitalistas o povo finlandês e logo capitulou covardemente ante Hitler. Esta foi a atuação do regime stalinista nestas horas críticas da história. Os juízos de Moscou já haviam demonstrado que a oligarquia totalitária se havia transformado em um obstáculo absoluto para o desenvolvimento do país. O crescente nível das necessidades econômicas cada vez mais complexas já não pode tolerar o estrangulamento burocrático. Sem embargo, a banda de parasitas não está disposta a fazer nenhuma concessão. Ao lutar para manter a sua posição destrói o melhor do país. Não se pode supor que o povo que realizou três revoluções em doze anos se tem voltado estúpido. Está afastado e desorientado, porém observa e pensa. A burocracia está presente em cada dia de sua existência com seu governo arbitrário, sua opressão, sua rapacidade e sua sangrenta sede de vingança. Os operários semi-famintos e os camponeses das granjas coletivas comentam entre si, murmurando seu ódio, os custosos caprichos dos comissários raivosos. Para o sexagésimo aniversário de Stalin se obrigou aos operários dos Urais a trabalhar durante um ano e meio em um gigantesco retrato do odiado “pai dos povos”, feito de pedras preciosas, empreitada digna de um Jerjes persa ou uma Cleópatra egípcia. Um regime capaz de cair em tais abominações inevitavelmente obterá o ódio das massas.

A política exterior corresponde à política interna. Se o governo do Kremlin expressa os verdadeiros interesses do estado operário, se o Comintern servira a causa da revolução mundial, as massas

populares da diminuta Finlândia inevitavelmente se haveriam inclinado face a URSS e a invasão do Exército Vermelho, ou não haveria sido em absoluto necessária ou haveria sido aceita imediatamente pelo povo finlandês como uma emancipação revolucionária. Na realidade, toda a política prévia do Kremlin aleijou da URSS os operários e camponeses finlandeses. Enquanto que Hitler, nos países neutros que invade, pode contar com a ajuda da chamada “quinta coluna”, Stalin não encontrou nenhum apoio na Finlândia, pese a tradição da insurreição de 1918 e a existência, desde faz longo tempo, do Partido comunista Finlandês.^{5[5]} Nestas condições a invasão do Exército Vermelho assumiu um caráter de violência militar direta e aberta. A responsabilidade desta violência recai total e unicamente sobre a oligarquia de Moscou.

A guerra constitui a amarga prova para todo regime. Como conseqüência da primeira parte da guerra, a posição internacional das URSS, pese os seus exércitos pouco importantes, obviamente piorou. A política exterior do Kremlin aleijou da URSS amplos setores da classe operária mundial e dos povos oprimidos. As bases estratégicas de apoio que conquistou Moscou representaram um fator de terceira ordem no conflito mundial de forças. Enquanto a Alemanha obteve a zona mais importante e industrializada da Polônia e uma fronteira comum com a URSS, ou seja, uma saída a Leste. Através da Escandinávia, a Alemanha domina o Mar Báltico, transformando o Golfo da Finlândia em uma garrafa fortemente trancada. A amargada Finlândia fica sob o controle direto de Hitler. Em lugar de débeis estados neutros, a URSS agora tem atrás de sua fronteira de Leningrado a

^{5[5]} Em janeiro de 1918 os soviets finlandeses, sob a condução dos comunistas, tentaram tomar o poder, mas o governo finlandês chamou a tropas alemãs para derrotá-los. O governo soviético não era o suficientemente forte nesse tempo como para fornecer aos revolucionários a ajuda necessária.

poderosa Alemanha. Ficou em evidência diante de todos a debilidade do Exército Vermelho decapitado por Stalin. Se intensificou dentro da URSS as tendências nacionalista centrífugas. Declinou o prestígio da direção do Kremlin. A Alemanha no Ocidente e Japão no Oriente se sentem agora infinitamente mais seguros que antes da aventura finlandesa do Kremlin.

Stalin não encontrou em seu magro arsenal mais que uma só resposta a omissa advertência dos acontecimentos: substituiu Voroshilov por uma nulidade ainda mais vazia, Timoshenko.^{6[6]} Como sempre nestes casos, o objetivo da manobra é afastar a ira do povo e do exército do principal e criminal responsável das desgraças e colocar à cabeça do exército um indivíduo cuja insignificância garante que se possa confiar nele. O Kremlin se revelou uma vez mais como o centro do derrotismo. Somente destruindo este centro se colocará a salvo a segurança da URSS.

A preparação do derrocamento revolucionário da casta dirigente de Moscou constitui uma das tarefas fundamentais da Quarta Internacional. Não é uma tarefa simples e nem fácil. Exige heroísmo e sacrifício. Sem embargo, a época de grandes convulsões em que entrou a humanidade deferirá um golpe na oligarquia do Kremlin, destruirá seu aparato totalitário, elevará a confiança em si mesma das massas trabalhadoras e, portanto, facilitará a secção soviética da Quarta Internacional. Os acontecimentos trabalharão a nosso favor se formos capazes de ajudá-los!

Os povos coloniais na guerra

Ao criar enormes dificuldades e perigos aos centros metropolitanos imperialistas, a guerra abre amplas possibilidades aos

^{6[6]} Semion K. Timoshenko (1895): amigo de Stalin desde 1910, dirigiu a ocupação de Polônia Oriental em 1939 e parte das operações contra Finlândia (1939-1940). Converteu-se em marechal em 1940 e substituiu a Voroshilov como comissário do povo de defesa o mesmo ano.

povos oprimidos. O rugir do canhão na Europa anuncia que se aproxima a hora de sua libertação.

Se é utópico um programa de transformações sociais pacíficas para os países avançados, o é duplamente um programa de libertação pacífica das colônias. Por outro lado, fomos testemunhas da escravidão dos últimos países atrasados similares (Etiópia, Albânia, China...).

A guerra atual está voltada sobre as colônias. Alguns perseguem a sua possessão; outros as possuem e recusam a soltá-las. Não têm a menor intenção de libertá-las voluntariamente. Os centros metropolitanos na decadência se vêm obrigados a extrair todo o possível das colônias e devolver-lhes o menos possível. Somente a luta revolucionária direta e aberta dos povos escravizados pode abrir-lhes o caminho para sua emancipação.

Nos países coloniais e semi-coloniais de luta por um estado independente, e em consequência à “defesa da pátria”, é em princípio diferente da luta dos países imperialistas. O proletariado revolucionário de todo o mundo apóia incondicionalmente a luta da China ou da Índia por sua independência, porque esta luta “ao fazer romper os povos atrasados com o asiaticismo, com o sectarismo ou com os laços estrangeiros [...] golpeia poderosamente aos estados imperialistas.”.

Ao mesmo tempo a Quarta Internacional sabe desde já, e se o adverte abertamente às nações atrasadas, que estes estados nacionais tardios já não podem encontrar um desenvolvimento democrático independente. Rodeada pelo capitalismo decadente e submersa nas contradições imperialistas, a independência de um país atrasado será inevitavelmente semi-fictícia. Seu regime político, sob a influência das contradições internas de classe e a repressão externa, inevitavelmente cairá na ditadura contra o povo. Assim é o regime do partido “do povo” na Turquia; e do Kuomintang na China; assim será amanhã o regime de

Ghandi na Índia. A luta pela independência nacional das colônias é, desde o ponto de vista do proletariado, somente uma etapa transitória no caminhar que levará os países atrasados à revolução socialista internacional.

A Quarta Internacional não estabelece compartimentos estancados entre os países atrasados e os avançados, entre as revoluções democráticas e as socialistas. As combina e as subordina à luta mundial dos oprimidos e opressores. Assim como a única força genuinamente revolucionária de nossa época é o proletariado internacional, o único programa com que se liquidará toda a opressão, social e nacional, é o programa da revolução permanente.

A grande lição da China

A trágica experiência da China constitui uma grande lição para os povos oprimidos. A revolução chinesa de 1925 a 1927 teria todas as possibilidades de triunfar. Uma China unificada e transformada seria neste momento uma poderosa fortaleza da liberdade no Extremo Oriente. A sorte da Ásia, e em certa medida a de todo o mundo, poderia ter sido distinta. Porém, o Kremlin, que não tinha confiança nas massas chinesas e buscava a amizade dos generais, utilizou todo o seu peso para subordinar o proletariado chinês à burguesia, ajudando assim a Chiang Kai-Shek a afastar a revolução chinesa. Desiludida, desunida e debilitada, a China ficou aberta a invasão japonesa.

Como todo o regime condenado, a oligarquia stalinista já é incapaz de aprender as lições da história. A começar da guerra chino-japonesa, o Kremlin, novamente ligou o Partido Comunista a Chiang Kai-shek afastando desde o seu nascimento a iniciativa revolucionária do proletariado chinês. Esta guerra, que já leva cerca de três anos, poderia haver terminado, faz muito, em uma verdadeira catástrofe para o Japão se a China a tivesse levado adiante como uma genuína guerra

popular apoiada em uma revolução agrária, abrangendo sem seu chamado aos soldados japoneses. Porém, a burguesia chinesa teme mais as suas próprias massas armadas do que os invasores japoneses. Se Chiang Kai-shek, o sinistro verdugo da revolução chinesa, se vê obrigado pelas circunstâncias a livrar uma guerra, seu programa seguirá sendo a opressão de seus próprios trabalhadores e o compromisso com os imperialistas.

A guerra na Ásia oriental se entrelaçará cada vez mais com a guerra imperialista mundial. O povo chinês tentará a independência somente sob a direção de seu jovem e abnegado proletariado, que recuperará a indispensável confiança em si mesmo com o ressurgir da revolução mundial. Ele marcará com firmeza a linha a seguir. O curso dos acontecimentos faz indispensável o desenvolvimento de nossa secção chinesa em um poderoso partido revolucionário.

Tarefas da revolução indiana

Nas primeiras semanas da guerra as massas indianas pressionaram com força aos dirigentes “nacionais” oportunistas, obrigando-os a utilizar uma linguagem desacostumada. Porém, aí do povo indiano se deposita a sua confiança nas palavras auto-proclamatórias! Ocultando-se por trás a consigna da independência nacional, Gandhi já se apressou a proclamar que se nega a criar dificuldades à Grã-Bretanha durante a severa crise atual. Como se em algum lugar ou em algum momento os oprimidos houvessem podido libertar-se de outro modo do que explorando as dificuldades de seus opressores!

O rechaço “moral” de Gandhi à violência reflete simplesmente o temor da burguesia indiana de suas próprias massas. Tem muitos bons fundamentos a sua previsão de que o imperialismo britânico os arrastará também em seu colapso. Londres, pó sua vez, previne que ao primeiro ímpeto de desobediência aplicar “todas as medidas necessárias”, incluindo,

por suposto, a força aérea, que na frente ocidental é deficiente. Há uma divisão do trabalho claramente delimitada entre a burguesia colonial e o governo britânico. Gandhi necessita das ameaças de Chamberlain e Churchill para paralisar com mais êxito o movimento revolucionário.

O antagonismo entre as massas indianas e a burguesia promete agonizar em um futuro próximo, na medida em que a guerra imperialista se converte cada vez mais em uma gigantesca empreitada comercial para a burguesia indiana. A abertura de um mercado excepcionalmente favorável para as matérias-primas pode promover rapidamente a indústria indiana. Se a destruição completa do império britânico rompe o cordão umbilical que liga o capital indiano com a City de Londres, a burguesia nacional buscará rapidamente em *Wall Street* a seu novo patrão. Os interesses materiais da burguesia determinam a sua política com a mesma força das leis da gravidade.

Enquanto o movimento de libertação está controlado pela classe exploradora seguirá metido em um caldeirão sem saída. O único que pode unificar a Índia é a revolução agrária realizada sob as bandeiras da libertação nacional. A revolução conduzida pelo proletariado estará dirigida não somente contra o domínio britânico senão também contra os príncipes indianos, as concessões estrangeiras, o tratado superior da burguesia nacional e os dirigentes do Congresso Nacional e da Liga Muçulmana.^{7[7]} É a tarefa fundamental da Quarta Internacional criar uma secção estável e poderosa na Índia.

A traidora política de colaboração de classes, como a que o Kremlin vem ajudando desde faz cinco anos aos governos capitalistas a preparar a guerra,

^{7[7]} A *União Muçulmana* e o *Congresso Nacional* eram as principais organizações burguesas que se opunham ao domínio inglês na Índia. O Congresso Nacional se converteu no partido mais importante da Índia depois da independência, enquanto a União Muçulmana chegou a ser a força política principal de Paquistão depois que este se separou da Índia..

foi abruptamente liquidada pela burguesia enquanto deixou de necessitar disfarçar-se de pacifista. Porém, nos países coloniais e semi-coloniais – não somente na China e na Índia senão também na América Latina – a fraude das “frentes populares” segue paralisando as massas trabalhadoras, convertendo-as em carne de canhão da burguesia “progressiva”, criando-se dessa maneira o imperialismo uma base política indígena.

O futuro da América Latina

O monstruoso crescimento do armamentismo nos Estados Unidos prepara uma solução violenta das complexas contradições que afligem o Hemisfério Ocidental. De pronto se colocará como problema imediato o destino dos países latinos americanos. O interlúdio da política “do bom vizinho” está chegando ao seu fim. *Roosevelt* ou quem o suceda se sacarão a breve lapso a luva de veludo e mostrarão o punho de ferro. As teses da Quarta Internacional declaram:

*“Sul e América Central somente puderam romper com o atraso e a escravidão unindo a todos os seus estados em uma poderosa federação. Porém, não se atrasada a burguesia sul-americana, agente totalmente mortal do imperialismo estrangeiro, quem cumprirá esse objetivo senão o jovem proletário sul-americano, destinado a dirigir as massas oprimidas. A consigna que presidirá a luta contra a violência e as intrigas do imperialismo mundial e contra a sangrenta exploração das camarilhas compradoras nativas serão, portanto: **Por todos os estados unidos soviéticos do Sul e Centro América.**”*

Escritas fazem seis anos, estas linhas adquirem agora uma cadente atualidade.

Somente sob sua própria direção revolucionária o proletariado das colônias e semi-colônias poderá construir a colaboração firme do proletariado dos centros metropolitanos e da luta de classes operárias mundiais. Somente está

colaboração poderá levar os povos oprimidos à sua emancipação final e completa com o derrocamento do imperialismo em todo o mundo. Um triunfo do proletariado internacional livraria os países coloniais de um largo e trabalhoso período de desenvolvimento capitalista, abrindo-lhes a possibilidade de chegar ao socialismo junto com o proletariado dos países avançados.

A perspectiva da revolução permanente não significa de nenhuma maneira que os países atrasados tenham que esperar dos adiantados o sinal de partida, nem que os povos coloniais tenham que aguardar pacientemente que o proletariado dos centros metropolitanos os liberem. Quem ajuda consegue ajuda. Os operários devem desenvolver a luta revolucionária em todos os países, coloniais ou imperialistas, onde haja condições favoráveis, e assim dar o exemplo aos trabalhadores dos demais países. Somente a iniciativa e a atitude, a decisão e a valentia poderão materializar realmente a consigna “Operários do mundo, uni-vos!”.

A responsabilidade que cabe aos dirigentes traidores pela guerra

O triunfo da revolução espanhola poderia ter aberto uma era de câmbios revolucionários em toda Europa e assim ter evitado a guerra atual. Porém, essa revolução heróica, que almejava em seu seio todas as possibilidades de triunfo, se dissipou no abraço da Segunda e Terceira Internacional, com a colaboração ativa dos anarquistas. O proletariado internacional se empobreceu com a perda de outra grande esperança e se enriqueceu com as lições de outra traição monstruosa.

A poderosa mobilização que realizou o proletariado francês em junho de 1936 revelou condições excepcionalmente favoráveis para a conquista revolucionária do poder. ^{8[8]}Uma república soviética

^{8[8]} Em junho de 1936 estourou na França uma onda massiva de greve que abarcaram a pelo menos sete milhões de trabalhadores ao mesmo

francesa imediatamente houvera obtido a hegemonia revolucionária na Europa, houvera repercutido em todos os países, derrocando aos regimes totalitários, e desta forma houvera salvado a humanidade da atual matança imperialista com suas inúmeras vítimas. Porém, a política totalmente covarde e traidora de León Blum e León Jouhaux, apoiada ativamente pela secção francesa do Comintern, levou ao desastre a uma dos movimento mais promissores da década passada.

No umbral da guerra atual situam os fatos trágicos: o estrangulamento da revolução espanhola e a sabotagem da ofensiva proletária na França. A burguesia se convenceu de que com tais “dirigentes dos trabalhadores” à sua disposição podia dar-se o luxo de qualquer coisa, até de uma nova matança dos povos. Os dirigentes da Segunda Internacional impediram que o proletariado derroca-se a burguesia ao final da primeira guerra imperialista. Os dirigentes da Segunda e Terceira Internacional ajudaram a burguesia a desatar uma segunda guerra imperialista. Que estes fatos se continuam em sua tumba política!

A Segunda Internacional

A guerra de 1914-1918 dividiu imediatamente a Segunda Internacional em dois bandos separados pelas trincheiras. Cada partido social-democrata defendeu a sua pátria. Atualmente, vários anos depois da guerra, se reconciliam os traidores irmãos avessos e proclamaram a anistia mútua.

Hoje a situação da Segunda Internacional mudou muito, superficialmente. Todas suas seções, sem exceção, apóiam politicamente a um dos bandos similares, o dos aliados; alguns porque são partidos dos países

tempo, muitos deles participantes de greves de braços caídos. Outra alça na onda de greves teve lugar em julho de 1936.

democráticos, outros porque são emigrados das nações beligerantes ou neutrais. A social-democracia alemã, que seguiu uma desprezível política chauvinista durante a primeira guerra, sob o estandarte dos Hohenzollern, é hoje um partido "derrotista" a serviço da França e Inglaterra. Seria imperdoável crer que estes lacaios endurecidos se voltaram revolucionários. Há uma explicação mais simples. A Alemanha de Guillerme II oferecia aos reformistas suficientes oportunidades de obter sinecuras pessoais nos corpos parlamentares, os municípios, os sindicatos e outros lugares. Defender a Alemanha imperial implicava defender um poço bem repleto no que a burocracia trabalhista conservadora metia o bedelho. "A social-democracia seguirá sendo patriótica enquanto o regime político lhe garanta seus ganhos e privilégios", preveniam nossas teses faz seis anos. Os mencheviques e *narodnikis* russos eram patriotas na época do czar, quando tinham suas frações sindicais, seus jornais, seus servidores públicos sindicais e esperavam avançar mais longe nesta direção. Agora que perderam tudo isto, têm uma posição derrotista com respeito à URSS.

Em consequência, o que explica a atual "unanimidade" da Segunda Internacional, é que todas suas seções esperam que os aliados mantenham os postos e as rendas da burocracia trabalhista dos países democráticos e lhes devolvam o que perderam aos países totalitários. À social-democracia não se faz ilusões inúteis sobre a proteção da burguesia "democrática". Estes inválidos políticos são totalmente incapazes de lutar ainda que vejam ameaçados seus interesses pessoais.

Isto se revelou muito claramente na Escandinávia, que aparecia como o santuário mais seguro da Segunda Internacional; os três países estiveram governados durante anos pela soberba, realista, reformista e pacifista social-democracia. Estes cavaleiros chamavam socialismo à democracia monárquica conservadora, mais a igreja estatal, mais as

paliativas reformas sociais do que durante um tempo foram possíveis graças aos limitados gastos militares. Apoiados pela Liga das Nações e protegidos pelo escudo da "neutralidade", os governos escandinavos especulavam com gerações de calmo e pacífico desenvolvimento. Mas os amos imperialistas não prestaram atendimento a seus cálculos. Viram-se obrigados a evitar os golpes do destino. Quando a URSS invadiu Finlândia, os três governos escandinavos se proclamaram neutros no que diz respeito a esse país. Quando Alemanha invadiu Dinamarca e Noruega, Suécia se declarou neutra com respeito às duas vítimas da agressão. Dinamarca tratou inclusive de declarar-se neutra com respeito a si mesma. Noruega, sob a boca dos canhões de seu guardião, Inglaterra, só tentou alguns gestos simbólicos de autodefesa. Estes heróis estão muito dispostos a viver às expensas da pátria democrática, mas muito pouco dispostos a morrer por ela. A guerra que não previram derrubou ao passar suas esperanças de uma evolução pacífica presidida pelo Rei e Deus. O paraíso escandinavo, refúgio final das esperanças da Segunda Internacional, transformou-se num minúsculo setor do inferno imperialista geral.

Os oportunistas social-democratas não conhecem mais que uma política, a adaptação passiva. Nas condições do capitalismo decadente, nada lhes fica mais do que a rendição de suas posições, uma depois de outra, o esquecimento de seu já miserável programa, o rebaixamento de suas exigências, a renúncia à toda demanda, a retirada permanente cada vez mais e mais atrás até do que não lhes fique lugar onde refugiar-se, salvo algum ninho de ratos. Mas também ali chega a mão implacável do imperialismo e os arrasta atirando-lhes da fila. Esta é a história resumida da Segunda Internacional. A guerra atual a está matando pela segunda vez e, esperemos, agora será para sempre.

A Terceira Internacional

A política da degenerada Terceira Internacional – uma mistura de cru de oportunismo e aventureirismo desenfreado – exerce uma influência sobre a classe operária, ainda – se cabe – mais desmoralizadora do que a de sua irmã maior, a Segunda Internacional. O partido revolucionário constrói toda sua política sobre a consciência da classe dos trabalhadores; ao Comintern nada lhe preocupa mais do que contaminar e envenenar esta consciência de classe.

Os propagandistas oficiais de cada um dos setores beligerantes denunciam, as vezes bastante corretamente, os crimes do bando opositor. Há muita verdade no que diz Göebbels, sobre a violência britânica na Índia. A imprensa francesa e a inglesa refletem com muita penetração a política exterior de Hitler e Stalin. No entanto, esta propaganda unilateral constitui o pior veneno chauvinista. As verdades a médias são as mentiras mais, perigosas.

Toda a propaganda atual do Comintern entra nesta categoria. Depois de cinco anos de adulação descarada as democracias, durante os quais todo seu "comunismo" se reduzia à monótonas acusações contra os agressores fascistas, o Comintern subitamente descobriu, no outono de 1939, ao imperialismo criminoso das democracias ocidentais. Volta completa! Desde então, nem uma palavra de condenação sobre a destruição da Tchecoslováquia e Polônia, a conquista da Dinamarca e Noruega e a chocante bestialidade das bandas de Hitler para os povos polaco e judeu! Hitler passou a ser um vegetariano amante da paz continuamente provocado pelos imperialistas ocidentais. A imprensa do Comintern chamava a aliança anglo-francesa "o bloco imperialista contra o povo alemão". Nem o mesmo Göebbels podia ter cozinhado algo melhor! O Partido Comunista Alemão, exilado ardia na chama do amor à pátria. E como a pátria alemã não tinha deixado de ser fascista, a posição do Partido Comunista Alemão

resultava... social-fascista. Por fim chegou a hora em que se concretizou a teoria stalinista do social-fascismo.^{9[9]}

A primeira vista a atitude das seções francesa e inglesa da Internacional Comunista parecia diametralmente oposta. A diferença dos alemães, viam-se obrigados a atacar a seu próprio governo. Mas este súbito derrotismo não era internacionalismo, senão uma variedade distorcida do patriotismo; estes cavaleiros consideram que sua pátria é o Kremlin, do que depende sua prosperidade. Muitos stalinistas franceses demonstraram uma coragem inegável ao serem perseguidos. Mas o conteúdo político desta coragem se viu assombrado por seu embelezamento da política rapace do bando inimigo. Que pensarão disso os operários franceses?

A reação sempre apresentou os internacionalistas revolucionários como agentes de um inimigo estrangeiro. A situação que lhes criou o Comintern à suas seções francesa e inglesa, deu todos os pretextos para essa acusação, e em conseqüência empurrou forçadamente aos falsários ao patriotismo ou os condenou à confusão e à passividade.

A política do Kremlin é simples: vendeu-lhe a Hitler o Comintern junto com o petróleo e o manganésio. Mas o servilismo canino com que esta gente se deixou vender, atesta irrefutavelmente a corrupção interna do Comintern. Aos agentes do Kremlin não lhes ficam princípios, nem honra, nem consciência; só um espinhaço flexível. Mas os espinhaços

^{9[9]} A teoria do "social-fascismo", uma inspiração de Stalin, sustentava que a socialdemocracia e o fascismo não eram adversários senão gêmeos. Como os social-democratas eram somente uma variedade de fascistas, e como todos, exceto os stalinistas, eram em certa medida fascistas, não se permitia aos stalinistas comprometer-se em frentes únicas contra os fascistas com qualquer outra tendência. Nenhuma teoria foi, nem poderia ser, mais útil para Hitler nos anos em que se encaminhava a tomada do poder na Alemanha. Os stalinistas, finalmente, deixaram de lado a teoria em 1934, e cedo se dedicaram a cortejar não só aos social-democratas, senão também à políticos capitalistas como Roosevelt e Daladier. Com esta alusão Trotsky reforça a ironia sobre o fato de que os stalinistas, cuja sectária negativa a trabalhar com outras organizações operárias de 1928 à 1934, se baseava na insistência em que todas as organizações não stalinistas eram "social-fascistas", converteram-se realmente em defensores incondicionais da Alemanha nazista durante a vigência do pacto Stalin-Hitler.

flexíveis até agora nunca dirigiram uma revolução.

A amizade de Stalin com Hitler não será eterna, nem sequer durará muito tempo.^{10[10]} Pode ser que antes de que nosso manifesto chegue às massas, a política exterior do Kremlin dê um novo giro. Nesse caso também mudará a propaganda do Comintern. Se o Kremlin se acerca das democracias, o Comintern novamente desenterrará de seus arquivos o Livro Marrom dos crimes nacional-socialistas. Mas isto não significa que sua propaganda assumirá um caráter revolucionário. Mudará os rótulos, mas seguirá tão servil como antes. A política revolucionária exige, antes de mais nada, que se diga a verdade às massas. Mas o Comintern mente sistematicamente. Nós dizemos aos operários de todo mundo: Não acreditem nos mentirosos!

Os social-democratas e os stalinistas nas colônias

Os partidos unidos aos exploradores e interessados em obter privilégios são organicamente incapazes de seguir uma política honesta para com as classes mais exploradas dos trabalhadores e os povos oprimidos. Mas as características da Segunda e a Terceira Internacional se revelam com especial clareza em sua atitude para as colônias.

A Segunda Internacional, que atua como representante dos escravistas e como acionista da empresa da escravidão, não tem seções próprias nas colônias, se excetuamos à grupos casuais de servidores públicos coloniais, predominantemente mações franceses, e em geral aos oportunistas de esquerda que achatam a população nativa. Como renunciou oportunamente à pouco patriótica concepção da necessidade de levantar à população colonial contra a "pátria

^{10[10]} A política do Kremlin para Hitler sofreu uma decisiva e brusca mudança em junho de 1941 quando os exércitos do Terceiro Reich invadiram a União Soviética.

democrática", a Segunda Internacional ganhou o privilégio de proporcionar à burguesia ministros para as colônias, isto é, capatazes de escravos (Sidney Webb, Marius Moutet e outros).^{11[11]}

A Terceira Internacional, que começou fazendo um valente chamado revolucionário a todos os povos oprimidos, também se prostituiu completamente num breve lapso no que refere-se à questão colonial. Não faz muitos anos, quando Moscou viu a oportunidade de uma aliança com as democracias imperialistas, o Comintern propôs a consigna de emancipação nacional não só para Abissínia e Albânia senão também para Áustria. Mas, com respeito às colônias da Grã-Bretanha e França, limitou-se modestamente a desejar-lhes reformas "razoáveis". Nesse momento, então, o Comintern não defendeu a Índia contra a Grã-Bretanha, senão contra possíveis ataques do Japão e a Tunés contra Mussolini. Agora a situação mudou abruptamente. Independência total da Índia, Egito, Argélia! Dimitrov não aceitará menos. Os árabes e os negros encontrarão, outra vez, em Stalin seu melhor amigo, sem contar, por suposto, com Mussolini e com Hitler. A seção alemã do Comintern, com o descaso que caracteriza esta banda de parasitas, defende a Polônia e a Tchecoslováquia contra os complôs do imperialismo britânico. Esta gente é capaz de tudo e está disposta a tudo! Se o Kremlin muda novamente de orientação para as democracias ocidentais, outra vez solicitarão respeitosamente a Londres e Paris que garantam reformas liberais para suas colônias.

A diferença da Segunda Internacional, o Comintern, graças a sua grande tradição,

^{11[11]} Sidney Webb (1859-1947): foi um dos fundadores da Sociedade Fabiana de socialistas utópicos e colaborou nos comissões de New Statesman. Foi secretário de colônias (1929-1931) e domínios (1929-1930). Marius Moutet: foi ministro socialista de colônias no governo frentepopulista francês em 1938 e responsável pelo encarceramento de Ta Thu Thau, líder dos trotskistas indochinos.

exerce uma indubitável influência nas colônias. Mas sua base social mudou de acordo com sua evolução política. Na atualidade, nos países coloniais o Comintern se apóia nos setores que constituem a base tradicional da Segunda Internacional nos centros metropolitanos. Com as migalhas dos superlucros que obtém dos países coloniais e semicoloniais o imperialismo criou nestes algo similar à uma aristocracia trabalhista nativa. Esta, insignificante em comparação com seu modelo das metrópoles, destaca-se no entanto sobre o pano de fundo da pobreza geral e se aferra tenazmente a seus privilégios. A burocracia e a aristocracia trabalhistas dos países coloniais e semicoloniais, junto com os servidores públicos estatais, provêm de elementos especialmente servis aos "amigos" do Kremlin. Na América Latina um dos representantes mais repulsivos desta espécie é o advogado mexicano Lombardo Toledano, cujos serviços especiais o Kremlin retribuiu elevando-o ao decorativo posto de presidente da Federação Sindical da América Latina.^{12[12]}

Ao pôr a vermelho vivo os problemas da luta de classes, a guerra lhes cria a estes prestigiadores e falsos profetas uma situação cada vez mais difícil, que os bolcheviques verdadeiros têm que utilizar para varrer para sempre ao Comintern dos países coloniais.

Centro e anarquismo

Ao pôr à prova tudo o que existe e descartar tudo o que está podre, a guerra representa um perigo mortal para as Internacionais que lhe sobrevivem. Um setor considerável da burocracia do Comintern, especialmente no caso de que a União Soviética sofra alguns reveses,

^{12[12]} Vicente Lombardo Toledano (1893-1968): *stalinista, foi chefe também da CTM (Confederação Mexicana de Trabalhadores, a maior organização obreira de México). Foi um ativo participante na campanha de calúnias levada a cabo pelos stalinistas mexicanos contra Trotsky, campanha que este estava convicto se tinha lançado para preparar a opinião pública para o assassinato..

inevitavelmente se voltará para suas pátrias imperialistas. Os operários, pelo contrário, irão cada vez mais para a esquerda. Nessa situação são inevitáveis as divisões e as rupturas. Há uma quantidade de sintomas que indicam a possibilidade de que também rompa a ala "esquerda" da Segunda Internacional. Surgirão grupos centristas de diferentes origens, se romperão, criarão novas "frentes", "bandos", etc. Nossa época descobrirá, no entanto, que não pode tolerar a existência do centro. O papel patético e trágico que jogou o POUM, a mais séria e honesta das organizações centristas, na revolução espanhola, ficará sempre na memória do proletariado avançado como uma terrível advertência.^{13[13]}

Mas à história lhe agradam as repetições. Não está excluída a possibilidade de que tenha novas tentativas de construir uma organização internacional do tipo da Internacional Dois e meia ou, desta vez, a Internacional Três e Um Quarto. Esses balbucios só merecem resposta como reflexos de processos bem mais profundos pelos que atravessam as massas trabalhadoras. Mas desde já se pode afirmar com segurança que as "frentes", "bandos" e "Internacionais" centristas; por carecerem de fundamentos teóricos, tradição revolucionária e um programa acabado só serão efêmeros. Os ajudaremos criticando implacavelmente sua indecisão e ambigüidade.

Este esquema da bancarrota das velhas organizações da classe operária ficaria incompleto se não mencionássemos o anarquismo. Sua decadência constitui o fenômeno mais irrefutável de nossa época. Já antes da primeira guerra imperialista os anarco-sindicalistas franceses conseguiram converter-se nos piores oportunistas e nos serventes diretos da burguesia. A maior parte dos dirigentes anarquistas

internacionais se fez patriota na última guerra. No apogeu da guerra civil na Espanha os anarquistas ocuparam cargos de ministros da burguesia. Os predicadores anarquistas negam o estado, no entanto este não precisa deles. No momento de perigo, igual que os social-democratas, transformam-se em agentes da classe capitalista.

Os anarquistas entraram na guerra atual sem um programa, sem uma só idéia e com uma bandeira manchada por sua traição ao proletariado espanhol. Hoje a única coisa que é capaz de contribuir aos operários é uma desmoralização patriótica manchada com lamentos humanitários. Ao procurar uma aproximação com os operários anarquistas que estejam realmente dispostos a lutar pelos interesses de sua classe, lhes exigiremos ao mesmo tempo que rompam completamente com esses dirigentes que, tanto na guerra como na revolução, só servem de mandantes da burguesia.

Os sindicatos e a guerra

Enquanto os magnatas do capitalismo monopolista se põem acima dos órgãos do poder estatal, controlando-o desde as alturas, os dirigentes sindicais oportunistas rondam os umbrais do poder estatal tratando de conseguir que as massas operárias lhes dêem seu apoio. É impossível cumprir esta suja tarefa caso se mantenha a democracia operária dentro dos sindicatos. O regime interno dos sindicatos, seguindo o exemplo do regime dos estados burgueses, está se voltando cada vez mais autoritário. Em épocas de guerra a burocracia sindical se transforma definitivamente na polícia militar do estado maior do exército dentro da classe operária.

Mas por mais empenho que ponha, não tem salvação. A guerra significa a morte e a destruição dos atuais sindicatos reformistas. Aos sindicalistas na flor da idade mobilizam para a matança. Substituem-nos os moços, as mulheres e os

^{13[13]} O *POUM* (Partido Operário de Unificação Marxista) foi fundado em Espanha em 1935, quando os membros da Oposição em Espanha romperam com Trotsky e se uniram com o Bloco de Operários e Camponeses (centrista). Trotsky rompeu todas as relações com os mesmos quando se aderiram ao governo frente populista espanhol.

velhos, isto é, os menos capacitados para resistir. Todos os países saíram da guerra tão arruinados que o nível dos trabalhadores retrocederá um século. Os sindicatos reformistas só são possíveis sob o regime da democracia burguesa. Mas o primeiro que desaparecerá com a guerra será a democracia, completamente putrefata. Em sua derrubada definitiva, arrastará consigo todas as organizações operárias que lhe serviram de apoio. Não terá saída para os sindicatos reformistas. A reação capitalista os destruirá cruelmente. É necessário prevenir disto aos operários, imediatamente e em voz bem alta, para que todos ouçam.

Uma época nova exige métodos novos. Os métodos novos exigem líderes novos. Há uma só maneira de salvar os sindicatos: transformá-los em organizações de luta que se proponham como objetivo, o triunfo sobre a anarquia capitalista e a bandidagem imperialista. Os sindicatos jogarão um papel enorme na construção da economia socialista, mas a condição prévia para consegui-la é o derrocamento da classe capitalista e a nacionalização dos meios-de-produção. Somente se tomam o caminho da revolução socialista poderão os sindicatos escapar ao destino de ficar enterrados sob as ruínas da guerra.

A Quarta Internacional

A vanguarda proletária é o inimigo irreconciliável da guerra imperialista. Mas não teme esta guerra. Aceita dar a batalha no terreno eleito pelo inimigo de classe. Entra neste terreno com suas bandeiras flamejando ao vento.

A Quarta Internacional é a única organização que previu corretamente o curso geral dos acontecimentos mundiais, que previu a inevitabilidade de uma nova catástrofe imperialista, que denunciou as fraudes pacifistas dos democratas burgueses e os aventureiros pequeno-burgueses da escola stalinista, que lutou contra a política de colaboração de

classes conhecida como "frente popular", que questionou o papel traidor do Comintern e os anarquistas na Espanha, que criticou irreconciliavelmente as ilusões centristas do POUM, que continuou fortalecendo incessantemente a seus quadros no espírito da luta de classes revolucionária. Nossa política na guerra é só a continuação concentrada de nossa política na paz.

A Quarta Internacional constrói seu programa sobre os fundamentos teóricos do marxismo, sólidos como o granito. Recusa o desprezível ecletismo que predomina nas filas da burocracia trabalhista oficial dos diferentes bandos, e que muito freqüentemente serve de indicador da capitulação ante a democracia burguesa. Nosso programa está formulado numa série de documentos acessíveis a todo mundo. Seu eixo se pode resumir em três palavras: *ditadura do proletariado*.

Nosso programa, baseado no bolchevismo

A Quarta Internacional se apóia completa e sinceramente sobre os fundamentos da tradição revolucionária do bolchevismo e seus métodos organizativos. Que os radicais pequeno-burgueses chorem contra o centralismo. Um operário que tenha participado, ainda que seja uma vez, numa greve sabe que nenhuma luta é possível sem disciplina e uma direção firme. Toda nossa época está imbuída do espírito do centralismo. O capitalismo monopolista levou até seus últimos limites a centralização econômica. O centralismo estatal no marco do fascismo assumiu um caráter totalitário. As democracias tentam cada vez mais emular este exemplo. A burocracia sindical defende com assanhamento sua maquinaria poderosa. A Segunda e a Terceira Internacional utilizam descaradamente o aparelho estatal em sua luta contra a revolução.

Nestas condições a garantia mais elementar de sucesso reside na

contraposição do centralismo revolucionário ao centralismo da reação. É indispensável contar com uma organização da vanguarda proletária unificada por uma disciplina de ferro, um verdadeiro núcleo seletivo de revolucionários temperados dispostos ao sacrifício e inspirados por uma indomável vontade de vencer. Só um partido que não falha com si mesmo será capaz de preparar sistemática e avidamente a ofensiva para, quando soe a hora decisiva, desprender no campo de batalha toda a força da classe sem vacilar.

Os céticos superficiais se deleitam em assinalar a degeneração em burocratismo do centralismo bolchevique. Como se todo o curso da história dependesse da estrutura de um partido! De fato, é o destino do partido o que depende do curso da luta de classes. Mas de qualquer jeito o Partido Bolchevique foi o único que demonstrou na ação sua capacidade de realizar a revolução proletária. É precisamente um partido assim o que precisa agora o proletariado internacional. Se o regime burguês sair impune da guerra, todos os partidos revolucionários degenerarão. Se a revolução proletária conquista o poder, desaparecerão as condições que provocam a degeneração.

Com a reação triunfante, a desilusão e a fadiga das massas, numa atmosfera política envenenada pela decomposição maligna das organizações tradicionais da classe operária, no meio de dificuldades e obstáculos que se acumulavam, o desenvolvimento da Quarta Internacional necessariamente era lento. Os centristas, que desdenhavam nossos esforços, fizeram mais de uma vez tentativas isoladas e, à primeira vista, bem mais amplos e promissores de unificação da esquerda. Todos eles, no entanto, fizeram-se pó ainda antes de que as massas tivessem a possibilidade de recordar sequer seus nomes. Só a Quarta Internacional, com valentia, persistência e sucesso cada vez maiores se mantém nadando contra a corrente.

Passamos à prova!

O que caracteriza a uma genuína organização revolucionária é sobretudo a seriedade com a que trabalha e põe à prova sua linha política com cada novo giro dos acontecimentos. Seu centralismo frutifica-se em democracia. Sob o fogo da guerra nossas seções discutem apaixonadamente todos os problemas da política proletária, comprovando a validade de nossos métodos e varrendo de passagem aos elementos instáveis que só se nos uniram por causa de sua oposição à Segunda e a Terceira Internacional. A separação dos colegas de rota que não são de total confiança é o preço inevitável que há que pagar pela formação de um verdadeiro partido revolucionário.

A imensa maioria dos camaradas dos diferentes países saíram vitoriosos da primeira prova a que os submeteu à guerra. Este fato é de inestimável significação para o futuro da Quarta Internacional. Cada membro de base de nossa organização tem não só o direito, senão também o dever de considerar-se de aqui em diante mais um oficial do exército revolucionário que se criará ao calor dos acontecimentos. A entrada das massas na luta revolucionária colocará de manifesto imediatamente a insignificância dos programas dos oportunistas, os pacifistas e os centristas. Um só revolucionário verdadeiro numa fábrica, uma mina, um comando de base, um regimento, um barco de guerra vale infinitamente mais do que cem pseudo-revolucionários pequeno-burgueses que se cozinham em seu próprio molho.

Os políticos da grande burguesia entendem muito melhor o papel da Quarta Internacional do que nossos pedantes pequeno-burgueses. Na véspera da ruptura de relações diplomáticas, o embaixador francês Couloudre e Hitler, que procuravam em sua entrevista final assustar-se reciprocamente com as conseqüências da guerra, estavam de acordo em que "o único vencedor real"

seria a Quarta Internacional. Quando a declaração de hostilidades contra Polônia, a imprensa grande de França, Dinamarca e outros países publicou cabos que informavam que nos bairros operários de Berlim apareceram cartazes que diziam "Abaixo Stalin, viva Trotsky!" Isto significa: "Abaixo a Terceira Internacional, viva a Quarta Internacional!". Quando os operários e estudantes mais revoltosos de Praga organizaram uma manifestação no aniversário da independência nacional, o "Protetor", Barão Neurath, sacou uma declaração oficial atribuindo a responsabilidade desta manifestação aos "trotskistas" checos. A correspondência desde Praga publicada pelo jornal que edita Benes, o ex-presidente da República Checoslováquia, confirma o fato de que os obreiros checos se estão voltando "trotskistas".^{14[14]} No entanto, estes são só sintomas. Mas indicam inequivocamente as tendências do processo. A nova geração de falsários aos que a guerra empurrará pelo caminho da revolução tomará nosso estandarte.

A revolução proletária

A experiência histórica estabeleceu as condições básicas para o triunfo da revolução proletária, que foram aclaradas teoricamente: 1) o impasse da burguesia e a conseqüente confusão da classe dominante; 2) a aguda insatisfação e o anseio de mudanças decisivas nas filas da pequena-burguesia, sem cujo apóio a grande burguesia não pode se manter; 3) a consciência do intolerável da situação e a disposição para as ações revolucionárias nas filas do proletariado; 4) um programa claro e uma direção firme da vanguarda proletária. Estas são as quatro condições para o triunfo da revolução proletária. A razão principal da derrota de muitas revoluções consiste no fato de que estas

^{14[14]} *Edouard Benes* (1884-1948): converteu-se em presidente de Tchecoslováquia em 1935 e renunciou em outubro de 1938, quando os alemães ocuparam os Sudetes. Foi reeleito presidente em 1946 e o assassinaram ou se suicidou quando o Partido Comunista se fez cargo de Tchecoslováquia em 1948.

quatro condições raramente atingem, ao mesmo tempo, o necessário grau de maturidade. Muitas vezes na história a guerra foi a mãe da revolução precisamente porque sacode até suas mesmas bases os regimes já obsoletos, debilita à classe dirigente e acelera o crescimento da indignação revolucionária entre as classes oprimidas.

Já são intensas a desorientação da burguesia, o alarde e a insatisfação das massas populares, não só nos países beligerantes, senão também nos neutros; estes fenômenos se intensificarão com cada mês de guerra que passa. É verdade que nos últimos vinte anos o proletariado sofreu uma derrota depois de outra, a cada uma mais grave do que a precedente desiludiu-se dos velhos partidos e a guerra indubitavelmente o encontrou deprimido. No entanto, não há que superestimar a estabilidade ou duração desses estados de ânimo. Produziram-nos os acontecimentos; estes os dissiparão.

A guerra, igual que a revolução, fazem-na, antes de mais nada, as gerações mais jovens. Milhões de jovens que não puderam ascender à indústria, começaram suas vidas como desocupados e, portanto, ficaram à margem da política. Hoje estão encontrando sua localização ou a encontrarão amanhã; o estado os organiza em regimentos e por esta mesma razão lhes abre a possibilidade de sua unificação revolucionária. Sem dúvida a guerra também sacudirá a apatia das gerações mais velhas.

O problema da direção

Fica em pé o problema da direção. Não será traída a revolução outra vez, já que há duas Internacionais a serviço do imperialismo, enquanto os elementos genuinamente revolucionários constituem uma minúscula minoria? Em outras palavras: conseguiremos preparar a tempo um partido capaz de dirigir a revolução proletária? Para contestar corretamente esta pergunta é necessário propô-la

corretamente. Naturalmente, tal ou qual insurreição terminará com segurança numa derrota devido à imaturidade da direção revolucionária. Mas não se trata de uma insurreição isolada. Trata-se de toda uma época revolucionária.

O mundo capitalista já não tem saída, a não ser que se considere saída uma agonia prolongada. É necessário preparar-se para longos anos, se não décadas, de guerra, insurreições, breves intervalos de trégua, novas guerras e novas insurreições. Um partido revolucionário jovem tem que se apoiar nesta perspectiva. A história lhe dará suficientes oportunidades e possibilidades de provar-se, acumular experiência e amadurecer. Quanto mais rapidamente se funda a vanguarda, mais breve será a etapa das convulsões sangrentas, menor a destruição que sofrerá nosso planeta. Mas o grande problema histórico não se resolverá de jeito nenhum até que um partido revolucionário se ponha à frente do proletariado. O problema dos ritmos e os intervalos é de enorme importância, mas não altera a perspectiva histórica geral nem a orientação de nossa política. A conclusão é simples: há que levar adiante a tarefa de organizar e educar à vanguarda proletária com uma energia multiplicada por dez. Leste é precisamente o objetivo da Quarta Internacional.

O maior erro cometem aqueles que, procurando justificar suas conclusões pessimistas, referem-se simplesmente às tristes conseqüências da última guerra. Em primeiro lugar, da última guerra nasceu a Revolução de Outubro, cujas lições estão vivas no movimento operário de todo mundo. Em segundo lugar, as condições da guerra atual diferem profundamente das de 1914. A situação econômica dos estados imperialistas, incluindo Estados Unidos, hoje é infinitamente pior, e o poder destrutivo da guerra infinitamente maior que faz um quarto de século. Há, portanto, razões suficientes para supor que desta vez a reação por parte dos operários e o exército será bem mais rápida e decisiva.

A experiência da primeira guerra não passou sem afetar profundamente as massas. A Segunda Internacional extraiu suas forças das ilusões democráticas e pacifistas que estavam quase intactas nas massas. Os operários acreditavam seriamente que a guerra de 1914 seria a última. Os soldados se deixavam matar para evitar que seus filhos tivessem que sofrer uma nova carnificina. Esta esperança é a única que permitiu aos homens suportar a guerra durante mais de quatro anos. Hoje não fica quase nada das ilusões democráticas e pacifistas. Os povos sofrem a guerra atual sem crer mais nela, sem esperar dela outra coisa que novas correntes. Isto também se aplica aos estados totalitários. A geração operária mais velha, que levou sobre suas costas o ônus da primeira guerra imperialista e não esqueceu suas lições, está longe ainda de ter sido eliminada da cena. Ainda soam nos ouvidos da geração seguinte àquela, a que ia à escola durante a guerra, as falsas consignas de patriotismo e pacifismo. A inestimável experiência política destes setores, agora achatados pelo peso da maquinaria bélica, se revelará em toda sua plenitude quando a guerra impulsionar as massas trabalhadoras a colocarem-se abertamente contra seus governos.

Socialismo ou escravidão

Nossas teses, *A Guerra e a Quarta Internacional* (1934), afirmam que: "o caráter completamente reacionário, putrefato e saqueador do capitalismo moderno, a destruição da democracia, o reformismo e o pacifismo, a necessidade urgente e incandescente que tem o proletariado de encontrar uma saída segura do desastre iminente, põem na ordem do dia, com forças renovadas, a revolução internacional".

Hoje já não se trata, como no século XIX, de garantir simplesmente um desenvolvimento econômico mais rápido e lúcido; hoje se trata de salvar à humanidade do suicídio. É precisamente a

agudeza do problema histórico o que faz tremer os alicerces dos partidos oportunistas. O partido da revolução, pelo contrário, encontra uma reserva inesgotável de forças em sua consciência de ser o produto de uma necessidade histórica inexorável.

Mais ainda; é inadmissível pôr a atual vanguarda revolucionária ao mesmo nível daqueles internacionalistas isolados que elevaram suas vozes quando estourou a guerra anterior. Só o partido dos bolcheviques russos representava nesse uma força revolucionária. Mas inclusive este, em sua imensa maioria, excetuando um pequeno grupo de emigrados que rodeavam a Lenin, não conseguiu superar sua estreiteza nacional e elevar-se à perspectiva da revolução mundial.

A Quarta Internacional, pelo número de seus militantes e especialmente por sua preparação, conta com vantagens infinitas sobre seus predecessores da guerra anterior. A Quarta Internacional é a herdeira direta do melhor do bolchevismo. A Quarta Internacional assimilou a tradição da Revolução de Outubro e transformou em teoria a experiência do período histórico mais rico entre as duas guerras imperialistas. Tem fé em si mesma e em seu futuro.

A guerra, recordemos uma vez mais, acelera enormemente o desenvolvimento político. Esses grandes objetivos que ontem não mais nos pareciam estar há anos, se não há décadas de distância, podem propor-se diretamente nos próximos dois ou três anos, ou ainda antes. Os programas que se apóiam nas condições habituais das épocas de paz inevitavelmente ficarão pendurados no ar. Por outro lado, o programa de consignas transitórias da Quarta Internacional, que lhes parecia tão "irreal" aos políticos que não vêem além de seus narizes, revelará toda sua importância no processo de mobilização das massas pela conquista do poder.

Quando começar a nova revolução os oportunistas tratarão uma vez mais, como o

fizeram faz um quarto de século, de inspirar nos operários a idéia de que é impossível construir o socialismo sobre as ruínas e a desolação. Como se o proletariado tivesse liberdade de eleger! Há que construir sobre os fundamentos que proporciona a história. A Revolução Russa demonstrou que o governo operário pode sacar da pobreza mais profunda até a um país muito atrasado. Muito maiores são os milagres que poderá realizar o proletariado dos países avançados. A guerra destrói estruturas, transportes ferroviários, fábricas, minas; mas não pode destruir a tecnologia, a ciência, a capacidade. Depois de criar seu próprio estado, organizar corretamente suas filas, contribuir à força de trabalho qualificado herdada do regime burguês e organizar a produção de acordo com um plano unificado, o proletariado não só restaurará em alguns anos todo o destruído pela guerra; também criará as condições para um grande florescimento da cultura sobre as bases da solidariedade.

Que fazer

A Conferência de Emergência da Quarta Internacional vota este manifesto no momento em que, depois de abater a Holanda e Bélgica e achatar a resistência inicial das tropas aliadas, o exército alemão avança como um fogo arrasador para Paris e o Canal. Em Berlim já se apressam a celebrar a vitória. No setor aliado urge um alarme direcionado para o pânico. Aqui não temos possibilidades nem necessidade de entrarmos em especulações estratégicas sobre as próximas etapas da guerra. De todos os modos, a tremenda preponderância de Hitler põe neste momento sua afronta sobre a fisionomia política de todo mundo.

"Não está obrigada a classe operária, nas condições atuais, a ajudar às democracias em sua luta contra o fascismo alemão?" Assim propõem a questão amplos setores pequeno-burgueses para quem o proletariado é sempre uma ferramenta auxiliar de tal ou qual setor da

burguesia. Recusamos com indignação esta política. Naturalmente há diferenças entre os diferentes regimes políticos da sociedade burguesa, bem como num trem há vagões mais cômodos do que outros. Mas quando todo o trem se está precipitando num abismo, a diferença entre a democracia decadente e o fascismo ancião desaparece ante o colapso de todo o sistema capitalista.

Os triunfos e bestialidades de Hitler provocam naturalmente o ódio exasperado dos operários de todo mundo. Mas entre este ódio legítimo dos operários e a ajuda a seus inimigos mais débeis, mais não menos reacionários, há uma grande distância. O triunfo dos imperialistas de Grã-Bretanha e França não seria menos terrível para a sorte da humanidade do que o de Hitler e Mussolini. Não se pode salvar a democracia burguesa. Ajudando suas burguesias contra o fascismo estrangeiro os operários só acelerarão o triunfo do fascismo em seu próprio país. A tarefa proposta pela história não é apoiar uma parte do sistema imperialista na contramão de outra, senão terminar com o conjunto do sistema.

Os operários têm que aprender a técnica militar

A militarização das massas se intensifica dia a dia. Recusamos a grotesca pretensão de evitar esta militarização com fracos protestos pacifistas. Na próxima etapa todos os grandes problemas se decidirão com as armas na mão. Os operários não devem ter medo das armas; pelo contrário, têm que aprender a usá-las. Os revolucionários não se afastam do povo, nem na guerra nem na paz. Um bolchevique trata não só de converter-se no melhor sindicalista, senão também no melhor soldado.

Não queremos permitir à burguesia que leve aos soldados sem treinamento ou semi-treinados para morrer no campo de batalha. Exigimos que o estado ofereça imediatamente aos operários e aos

desocupados a possibilidade de aprender a manejar o rifle, a granada de mão, a espingarda, o canhão, o avião, o submarino e os demais instrumentos de guerra. Fazem defeituosas escolas militares especiais estreitamente relacionadas com os sindicatos para que os operários possam transformar-se em especialistas qualificados na arte militar, capazes de ocupar postos de comandante.

Esta não é nossa guerra!

Ao mesmo tempo, não nos esquecemos nem por um momento de que esta guerra não é nossa guerra. A diferença da Segunda e a Terceira Internacional, a Quarta Internacional não constrói sua política em função dos avatares militares dos estados capitalistas, senão da transformação da guerra imperialista numa guerra dos operários contra os capitalistas, do derrocamento da classe dominante em todos os países, da revolução socialista mundial. As mudanças que se produzem na frente, a destruição dos capitais nacionais, a ocupação de territórios, a queda de alguns estados, deste ponto de vista só constituem trágicos episódios no caminho à reconstrução da sociedade moderna.

Independentemente do curso da guerra, cumprimos nosso objetivo básico: explicamos aos operários que seus interesses são irreconciliáveis com os do capitalismo sedento de sangue; mobilizamos aos trabalhadores contra o imperialismo; propagandeamos a unidade dos operários de todos os países beligerantes e neutros; chamamos à fraternização entre operários e soldados dentro de cada país e entre os soldados que estão em lados opostos das trincheiras no campo de batalha; mobilizamos as mulheres e os jovens contra a guerra; preparamos constante, persistente e incansavelmente a revolução nas fábricas, nos moinhos, nas aldeias, nos quartéis, na frente e na frota.

Leste é nosso programa. Proletários do mundo, não há outra saída que a de unir-se sob o estandarte da Quarta Internacional!

Sobre o manifesto da Quarta Internacional^{15[1]}

28 de maio de 1940.

Queridos camaradas:

Já têm, espero, o texto completo do manifesto em inglês. Sinto muito a demora, ocasionada primeiro por meu mau estado de saúde, depois pela extensão do documento e, finalmente, pelo atentado. Se já, como suponho, aprovaram o documento (possivelmente com algumas mudanças) é necessário, em minha opinião, encarar imediatamente uma séria atividade internacional com base no manifesto. Minhas propostas gerais são as seguintes:

1. Publicar o manifesto em inglês como número especial de *Socialist Appeal* ou *Fourth International*, em edição aumentada.

2. Além de utilizar os canais de circulação acostumados, proponho enviar cópias à todas as editoras trabalhistas, os sindicatos, os jornais e revistas liberais e radicais, etc, com uma carta especial, que em tom muito amável convide aos respectivos senhores e senhoras a tomarem posição sobre o documento, dada a importância dos temas que este trata. As cartas devem ir assinadas pelo secretário geral do partido.

3. Simultaneamente, em Nova York, teria que traduzir o documento para alemão, para francês e se é possível para espanhol, e publicá-lo ainda que seja em

^{15[1]} "Sobre o manifesto da Quarta Internacional". *Quarta Internacional*, outubro de 1940. Assinado "W.R.". Esta carta dirigida aos dirigentes da Quarta Internacional foi escrita um dia ou dois depois de que os mesmos adiarão a Conferência de Emergência da Quarta Internacional. O camarada Hank era Henry Schultz, de Minneapolis, que foi a México a ajudar a reforçar a fortificação para a casa de Trotsky. *Burnham* tinha renunciado ao novo Partido Operário de Shachtman o 24 de maio.

forma de boletim nestes idiomas, já que não vamos poder publicá-lo proximamente na Europa.

4. Há que o estudar e discuti-lo seriamente nos diferentes setores partidários.

A extensão do documento se deve à necessidade de apresentar novamente todo nosso programa em relação à guerra. O partido não pode conservar sua tradição sem repetir periodicamente as idéias gerais do programa.

Espero receber o texto da tradução antes que o publiquem, porque num trabalho tão extenso são inevitáveis os mal-entendidos de importância secundária.

Com saudações afetuosas,

Leon Trotsky

Pósdata: O camarada Hank chegou bem a tempo. Não é necessário dizer que foi útil sua presença aqui esta semana. A renúncia de Burnham é uma excelente confirmação de nossas análises e prognósticos referentes à ex-minoria. Não acreditamos que esta seja a última separação.

W.R. [León Trotsky]

A GPU tratou de tampar o assassinato com calúnias^{16[1]}

25 de junho de 1940.

O corpo de Bob Sheldon Farte prova de maneira trágica a falsidade de todas as calúnias e acusações lançadas contra ele. As autoridades policiais, que se viram obrigadas a não deixar de tomar seriamente esta suspeita, revelaram uma excepcional energia também nesta matéria.

A GPU não é somente uma bando de desonrosos; é uma seleção internacional de agentes adestrados com um longo histórico de crimes, armados com ilimitados

^{16[1]} "A GPU tratou de tampar o assassinato com calúnias". *Socialist Appeal*, 6 de julho de 1940. O 25 de junho, o corpo de Robert Sheldon Farte, guarda de Trotsky, que tinha sido seqüestrado e assassinado durante a tentativa de assassinato stalinista do 24 de maio, foi achado no jardim de uma casa que os atacantes tinham alugado para a ocasião.

recursos técnicos e econômicos. De acordo com os cálculos mais pessimistas, só a preparação do atentado do México, sem contar os subornos e os gastos em outros países, ascendeu a não menos de dez mil dólares.

O esclarecimento dos crimes da GPU, por causa disso, apresenta tremendas dificuldades. Em nenhum outro país do mundo, seja França, Suíça ou Espanha, nenhum crime da GPU foi esclarecido com tanta minuciosidade como o atentado de 24 de maio no México. O corpo de Bob Sheldon, com toda segurança, arrojará mais luz sobre as engrenagens desta complicada conspiração.

Em dois de seus anúncios o comitê central do Partido "Comunista" repetiu que a participação de Sheldon põe uma nota "suspeita" sobre o ataque. Em realidade, o fato de que os agentes de Stalin tenham penetrado em minha casa só indicaria que a GPU conseguiu enganar a meus amigos de Nova York, quem me recomendaram a Bob Sheldon. Toda pessoa informada sabe que a GPU infiltra seus agentes nas organizações operárias e instituições estatais de todo mundo. Para isso gasta anualmente dezenas de milhões de dólares. Mas a versão de que Sheldon era um agente da GPU foi completamente achatada pela realidade. Bob morreu porque se pôs no caminho dos assassinos. Morreu pelas idéias nas que cria. Sua memória é imaculada.

Qui prodest?, pergunta a velha e sábia máxima da lei romana. Quem está interessado em caluniar a Bob Farte e desviar a investigação? A resposta é clara: a GPU e seus agentes. A descoberta da fonte das falsas declarações com respeito a Bob revelará seguramente uma das peças da conspiração.

Bob não é o primeiro dos que estão em torno de mim que morre nas mãos dos assassinos mercenários de Stalin. Deixo a um lado aos membros de minha família, duas filhas e dois filhos assassinados pela GPU. Não falo de meus milhares de apoiadores expostos ao extermínio físico

na União Soviética e outros países. Limite-me unicamente a meus secretários em diferentes países, que foram levados ao suicídio pela perseguição, ou foram baleados ou assassinados pelos agentes da GPU. São sete pessoas: M. Glazman, G. Butov, J. Blumkin, N. Sermuks, I. Poznanski, R. Klement, E. Wolff.^{17[2]} Nesta lista, Robert (Bob) Sheldon Farte ocupa o oitavo, mas me temo que não o último lugar.

Depois disto, os agentes políticos da GPU podem falar de minha "mania de perseguição".

^{17[2]} *Mijail Glazman* foi o chefe da Secretaria de Trotsky durante a guerra civil. Perseguido pelos stalinistas por sua adesão à Oposição de Esquerda, suicidou-se em 1924. *Georgi V. Butov* foi colaborador de Trotsky a cargo do secretariado do Conselho Militar Revolucionário durante a guerra civil. Foi preso por negar-se a assinar falsos cargos contra Trotsky, levou a cabo uma greve de fome e morreu em prisão em 1928. *Jakob Blumkin* (1899-1929): foi socialista revolucionário de esquerda; fez-se comunista e se converteu em servidor público da *GPU. Editou parte do livro de Trotsky *Como a revolução se arma a si mesma*. Foi o primeiro aderente russo da Oposição de Esquerda. Visitou a Trotsky em seu exílio em Turquia. Trazia consigo ao voltar uma carta de Trotsky à Oposição, foi denunciado à *GPU e fuzilado. *N. Sermuks* foi o chefe do trem militar que se constituiu no quartel móvel de Trotsky durante a guerra civil, e membro durante vários anos da equipe de secretários de Trotsky. Foi expulso junto com Trotsky do Partido Comunista e o seguiu ao exílio, mas foi preso e deportado. *I. Poznanski*, outro dos secretários de Trotsky, tinha estado a cargo da Cavalaria Vermelha durante a guerra civil. Também foi preso e deportado quando seguiu a Trotsky ao exílio.

Revisão do Plano Diretor e os movimentos de moradia.

Está em pauta a discussão de revisão do plano diretor da cidade de Diadema, onde o Partido dos Trabalhadores – PT dedica toda revisão em prol da burguesia, mascarando o que dizem ser o desenvolvimento da cidade.

Os movimentos de moradia têm se organizado para reverter esta situação, embora a maioria das propostas esteja de mãos dadas com a burguesia.

Diadema, que se tornou histórica pelas lutas dos movimentos, pelos avanços na legislação em prol dos menos favorecidos, agora está na contramão dessas leis.

No contexto dos grandes figurantes locais a cidade, já é muito adensada, têm pobres demais e, além disso, este povo pobre só traz prejuízo (pois essa classe não consegue pagar convênio médico e nem mesmo colocar seus filhos em escolas particulares).

É como se o povo pobre que tanto ajudou na construção da cidade, fosse agora fonte de contaminação. E mais: no novo plano diretor, o pobre não tem mais direitos de morar no centro e nem próximo aos corredores principais, pois estas áreas estão reservadas, há muito, para empreendimentos das classes média e alta.

Só falta falar que os pobres têm que ser exportados.

Os movimentos de moradia nascidos das contradições do sistema capitalista, fortalecidos na ineficiência de seus governantes, na tentativa de dar resposta aos problemas imediatos da classe trabalhadora conseguem, pelo menos, minimizar, à custa de muita luta e organização, a questão da moradia.

As AEIS, que são resultados das lutas travadas pelos movimentos e que serviram de parâmetros para outras cidades, que, ademais, ajudaram a melhorar um pouco a demanda de moradia para os trabalhadores, estão sendo extintas. As áreas livres que ainda restam no município, em vez de servirem para diminuir o problema do déficit habitacional, dos espaços públicos e de áreas verdes, acabam sendo destinadas aos burgueses da cidade.

Embora a maior parte dos movimentos já esteja institucionalizada, com suas lideranças ocupando cargos de confiança na prefeitura, estas estão sendo apunhaladas. Uma das saídas para o movimento é a unificação dos trabalhadores para não deixar que se aprove tamanha hipocrisia e violência.

Publicamos a seguir os dois últimos materiais dos Estudantes da FSA

Convocação urgente

Aos Estudantes e trabalhadores em geral do Grande ABC;

Considerando que a região do grande ABC é composta de 2.354.722 habitantes e que faz parte da Região Metropolitana de São Paulo, perfazendo um total de 17.878.703 habitantes¹⁸;

Considerando que no Grande ABC somente em 2007 tivemos o lançamento das bases do ensino superior público totalmente gratuito;

Considerando que as áreas atendidas até o momento no nascente ensino público superior do ABC compreendem somente as áreas de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, com a possibilidade de Graduação em Engenharia (várias áreas) e em Química, Física, Biologia e Matemática, totalizando no momento 1500 vagas;

Considerando que a média de anos de estudo das pessoas de 17 a 24 anos de idade da Região Sudeste do Brasil é de 8,7 anos, correspondendo tão somente ao Ensino Fundamental¹⁹;

Considerando que no estado de São Paulo só contamos com três universidades públicas e que as mesmas são freqüentadas na sua maior parte por jovens vindos do ensino particular, com a melhor renda per capita do país e, mesmo assim, atendem somente um número reduzido de jovens.

Tendo em vista que a Fundação Santo André:

- foi fundada em 1962, por meio da lei nº 1.840, da Prefeitura de Santo André,

¹⁸ Fonte: Censo Demográfico 2000, IBGE.

¹⁹ Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1997 [CD-ROM]. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

Às Autoridades Federais, Estaduais e Municipais;

Aos Dirigentes Sindicais e de Entidades e Organizações em geral

inicialmente para manter a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FAECO), que já existia desde 1953 e que em 1966 a Prefeitura Municipal de Santo André autorizou também o funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL);

- desde sua criação, apesar de não ser totalmente gratuita, cobrou mensalidades baixas, fornecendo ensino de excelente qualidade, do qual se beneficiaram os filhos dos assalariados e trabalhadores de toda a região do ABC;

- com esta prestação de serviço de qualidade na área do ensino contribuiu e muito para a formação oficial dos jovens da região, bem como de toda a Grande São Paulo, com o oferecimento de bons professores às redes de ensino público e privado.

Tendo em vista a situação caótica em que se encontra a FSA

Nós Estudantes e Professores do Centro Universitário Fundação Santo André convidamos a todos para participarem do Encontro pela Federalização da FSA que faremos realizar no próximo dia 17 de maio de 2008 das 10:30 horas às 17:00 horas.

Local: Pátio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Santo André (FAFIL) – Av. Príncipe de Gales, 821 - Bairro Príncipe de Gales - Santo André - SP

Contato:

federalizacao_fsa@yahoogrupos.com.br

Aos trabalhadores do ABC.

Informe e solicitação de apoio da FSA.

Dando continuidade ao processo iniciado em 13 de setembro de 2007, contra o aumento das mensalidades; pela abertura dos primeiros anos dos cursos sem a exigência de número mínimo de estudantes e contra a repressão aos alunos e professores. Tendo em vista a situação dos alunos e professores que se agravou em 2008, ou seja, de 11 cursos da FAFIL somente 3 desses abriram primeiros anos, e autoritariamente a reitoria fechou os 4 anos diurnos e alguns cursos, impondo a transferência compulsória para o noturno, inviabilizando sua continuidade para os anos seguintes.

Quanto à *má administração e aos cargos comissionados*, a situação continua a mesma! Somente ocorreu a troca de assessores devido a intrigas internas causadas pelas pressões de nosso movimento e pela interferência política das disputas à Prefeitura de Santo André, onde está a maior base de apoio do Reitor, ou seja, o

Deputado Vanderlei Siraque, que com sua candidatura a prefeito consolidada, deu maior retaguarda para os desmandos deste malfadado reitor!

Nós estudantes do CUFSA ocupamos a reitoria no dia 25/04. Até o 3º dia desta ocupação nenhum contato da parte da reitoria para diálogo, somente aguardamos a reintegração de posse.

Mas uma vez **a FSA foi parar nas páginas policiais, por matéria publicada no DGABC no dia 28/04**, contendo denúncias graves de falsificação de notas, participação e gastos em uma suposta jornada de educação do maranhão que nunca existiu. Fator a mais que contribui para a legitimação da ocupação.

Pedimos o apoio de todos para as lutas dos estudantes da FSA e em defesa do ensino público de qualidade para todos.

Na ocupação e na nossa assembléia geral aprovamos a seguinte pauta de reivindicação.

- **Preparação de Vestibular em Junho/Julho de 2008, com o controle dos estudantes e professores;**
- **Redução das mensalidades;**
- **Fim do número mínimo de inscritos para a abertura de salas;**
- **Reabertura imediata dos 4º anos do matutino;**
- **Imediata formação de um grupo de trabalho e de um Fórum para encaminhar a Federalização do CUFSA;**
- **Retirada das sindicâncias contra professores, estudantes; e funcionários;**
- **Exigência do Ministério Público Federal para se pronunciar junto aos estudantes e professores;**
- **Regularização dos cursos livres;**

- **Imediata demissão desta reitoria!!!**

Assinam os estudantes da FSA.

Contato: comissaocomunicacaoocupacao@gmail.com